

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
4



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.

Suplemento
literário
do Jornal A União
J U N H O
2025

Mulherio das Letras

Somando mais de sete mil integrantes pelo país,
o coletivo feminino nasceu para fortalecer a
produção das mulheres ligadas à literatura

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA EDITORA A UNIÃO.



Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083



A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac

Só basta uma pessoa ter uma ideia para ela germinar e se transformar em um coletivo forte, que ultrapassa limites, divisas e fronteiras. Tudo aconteceu de forma livre e espontânea: desde quando a sensibilidade da premiada escritora Maria Valéria Rezende lhe deu um cutucão mental, em plena Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), há nove anos. Onde estão as mulheres para ocuparem os espaços devidos nessas áreas?

No ano seguinte, em 2017, surgiu o Mulherio das Letras, cujo primeiro encontro aconteceu fora do eixo Rio-São Paulo: a capital paraibana acolheu mais de 500 autoras e profissionais das letras para valorizar o trabalho dessas produtoras literárias, combater o preconceito oriundo do machismo presente no ambiente cultural e divulgar o protagonismo feminino no campo intelectual.

Desde então, o mulherio se fortaleceu tanto nas redes sociais (com mais de sete mil membros), quanto nos encontros presenciais (passando por seis estados brasileiros e por três países), fora lidar com uma crise sanitária mundial no meio de tudo isso.

Por onde caminha, o coletivo deixa a sua marca, além trazer à tona algo muito precioso em todos os âmbitos – sociais políticos e culturais: a igualdade. “Um movimento que vai permanecer ativo até que ele não seja mais necessário, o que só vai acontecer quando as mulheres estiverem em pé de igualdade com os homens no meio literário”, frisou a mestra Maria Valéria Rezende, na matéria principal desta edição.

Como bem ilustra a capa, a caminhada continua...

Entre outros destaques femininos, este número apresenta um artigo sobre a poeta paraibana Anayde Beiriz (1905–1930) e uma resenha sobre a nova obra da contista carioca Kátia Bandeira de Mello.

PERFIL 20

Anayde Beiriz (1905–1930), uma mulher que atravessou o tempo

POESIA 26

Hildeberto Barbosa Filho destrincha o novo livro do poeta piauiense Rogério Newton

MEMÓRIA 46

Com base em “O Turista Aprendiz”, veja o itinerário de Mário de Andrade (1893–1945) pelo interior da PB

MÚSICA 50

Jon Moreira estreia a sua coluna analisando “Aos Vivos”, o primeiro disco de Chico César

RESENHA 54

Análise da obra “Molduras”, uma coletânea de contos de Kátia Bandeira de Mello

ARTIGO 56

Entre o mito e a teledramaturgia: como o poder da arte serve como instrumento de reflexão



**SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL**



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa

Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

**Correio
das Artes**

Audaci Junior

Editor do Correio das Artes

Lucas Nóbrega e Débora Borges
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa

Tônio
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Uma inquebrável alma coletiva feminina da literatura

Criada em 2017 com representações em diversos estados do Brasil, o movimento Mulherio das Letras quebra as fronteiras para mostrar o protagonismo das autoras no campo intelectual

Alexsandra Tavares

alexandrajornalista@gmail.com

Articulação, talento e resiliência são elementos preponderantes no cotidiano das integrantes de um coletivo feminino, que nasceu para fortalecer a produção das mulheres ligadas à literatura, nas mais variadas atividades, seja na escrita, nas artes visuais ou na editoração. O Mulherio das Letras conta com representações em diversos estados brasileiros, somando mais de sete mil artistas no país. Elas também quebram fronteiras com o Mulherio Internacional, presente em países como Portugal, Itália e França.

Seja em terras brasileiras ou além-mar, o objetivo é o mesmo: destituir o trabalho das produtoras literárias de um lugar de menor valor, imposto há tempos pela cultura machista presente no ambiente cultural, e alardear para todo o planeta o protagonismo das mulheres no campo intelectual. Os grupos interagem, estão presentes nas redes sociais, reúnem-se periodicamente de forma presencial, lançam obras, organizam saraus e tentam estabelecer a equidade entre o trabalho deles e delas, já que arte não é uma questão de gênero, mas de

competência e isso não falta às mentes e mãos femininas.

A escritora paulista radicada na Paraíba, Maria Valéria Rezende — ganhadora de vários prêmios Jabuti, concedidos pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) — é a idealizadora do Mulherio das Letras, mesmo que ela negue o fato e adote o coletivismo como o principal fundador. A ideia surgiu por volta de 2016, a partir de uma inquietação da premiada e prestigiada autora, que não contentava-se em presenciar tantas obras de autores masculinos sendo lançadas,

em detrimento das publicações das mulheres.

Em 2017, o grupo foi criado com um perfil no Facebook e, já no ano de estreia do coletivo paraibano, a cidade de João Pessoa sediou a primeira edição do Encontro Nacional do Mulherio, reunindo mais de 500 mulheres. A mentora do projeto, ao ser ouvida pela revista *Cult* na época, resumiu a finalidade do movimento que dava seus primeiros passos no país. “Queremos criar um movimento, algo que marcará a história e trará igualdade. É algo prático, além de ideológico. Um movimento que vai permanecer ativo até que ele não seja mais necessário, o que só vai acontecer quando as mulheres estiverem em pé de igualdade com os homens no meio literário”, resumiu Maria Valéria Rezende.

Foto: Leonardo Ariel

Foto: Adriano Franco/Divulgação

Premiada escritora Maria Valéria Rezende (ao lado) teve a ideia de criar o coletivo, que reuniu mais de 500 mulheres na primeira edição do Encontro Nacional do Mulherio, cidade de João Pessoa (foto acima, na página oposta)



Fotos: Adriano Franco/Divulgação



Nos encontros, grupos reúnem-se periodicamente de forma presencial, lançam e divulgam obras, além de organizarem saraus e debates de forma prática e ideológica

Entre sem bater: uma criação coletiva

Em entrevista ao *Correio das Artes*, a escritora Maria Valéria Rezende explicou que o embrião para a criação do coletivo na Paraíba surgiu em 2016, durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), tradicional evento realizado no município localizado no Litoral Sul do estado do Rio de Janeiro.

Enquanto circulava pela edição e pela cidade fluminense, ela percebeu as inúmeras profissionais das letras que fora encontrando em cada rua e em cada esquina. No entanto, durante a solenidade cultural, havia muito mais mulheres no público, assistindo, do que homens, uma vez que eles tinham presença garantida nas mesas de discussões e painéis da Flip. Aos olhos de Maria Valéria, era importante saber quantas escritoras existiam no Brasil e o jeito de descobrir foi criar uma espécie de “grupo fechado no Facebook”, melhor rede social que havia na época.

“Cada uma, ao voltar para seu lugar de origem ou moradia após a Flip, iria convidar e anexar ao grupo outras mulheres. Fiquei de criar o grupo na rede social e, automaticamente, o Facebook escreveu: ‘Mulherio das Letras, criado por Maria Valéria Rezende’. Por isso, fiquei com a fama de ter fundado, mas não foi verdade, porque a criação foi coletiva”, explicou.

Durante a Flip também surgiu a ideia de realizar um

encontro somente de mulheres ligadas às letras e, segundo Maria Valéria, a maioria preferiu fazer fora do eixo Rio-São Paulo. “Então, eu me perguntaram se poderia ser em João Pessoa. Quando cheguei aqui, falei com o secretário de Cultura, que era Lau Siqueira, e logo tudo ficou acertado. Lau nos deu o maior apoio. Aos poucos, praticamente todas as entidades culturais da cidade passaram a se engajar ao evento, que invadiu a cidade inteira, em outubro de 2017. Daí a coisa não parou mais, encontros nacionais e regionais todos os anos”, comemorou a escritora. Esse foi, então, o primeiro grande encontro de um coletivo de mulheres que iniciou sem grandes pretensões e, atualmente, conquista adeptos de outros países.

Para fazer parte do Mulherio das Letras, as autoras não precisam de permissão, basta, segundo Maria Valéria Rezende, ter vontade e fazer parte do mundo das letras. Entre as inúmeras atividades que desempenham, estão diálogos virtuais, publicação de livros, coletâneas, revistas e criação de editoras. “O movimento é livre e espontâneo e para fazer parte só precisa se identificar com os princípios que geraram o coletivo: dar lugar às mulheres na literatura, ter solidariedade em vez de competição, horizontalidade e informalidade”.

Sobre os desafios e preconceitos enfrentados pela mulher no campo literário, Maria Valéria Rezende destacou que esse problema existe em todos os âmbitos da sociedade, porém está mudando porque as próprias escritoras não aceitam ser taxadas de inferiores aos homens em termos de ta-

lento, capacidade intelectual e produtiva. Ela admite que a crise da “macheza” ainda está em alta e provoca muita violência, mas para Maria Valéria o que estamos assistindo “são os estertores do patriarcalismo e, se o mundo não se acabar antes, um dia chegará a igualdade de gênero”.

Ao analisar a produção das autoras paraibanas, ela reforça que “estamos escrevendo muito e cada vez melhor, inclusive conquistando prêmios nacionais e internacionais”, sejam escritoras do estado ou aquelas transplantadas e enraizadas na Paraíba, como exemplo da própria. “Sempre digo que me tornei escritora na Paraíba por contágio, já que essa é uma terra de muita e belíssima literatura. Basta ver o grande sucesso que está fazendo nossa querida Marília Arnaud que, finalmente, venceu a timidez e saiu pelo mundo lançando romances maravilhosos, com grande sucesso”, enfatizou Maria Valéria Rezende.

“O movimento é livre e espontâneo e para fazer parte só precisa se identificar com os princípios que geraram o coletivo: dar lugar às mulheres na literatura, ter solidariedade em vez de competição, horizontalidade e informalidade”



Da esq. para dir.: escritora Valeska Asfora, uma das organizadoras do primeiro encontro; roda de conversas na edição inaugural; Maria Valéria Rezende na abertura do evento, que foi criado para combater o estigma vivenciado pelas autoras do campo literário e a forma como elas são tratadas em uma sociedade que privilegia o homem em vários âmbitos

Fotos: Adriano Franco/Divulgação

Arquitetura da invisibilidade

Há três anos, a poeta e professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Marineuma de Oliveira participa efetivamente, do Mulherio das Letras. Ela fez parte da organização do encontro nacional do coletivo, sediado na capital paraibana, em 2022, e, no ano seguinte, compareceu ao evento no Rio de Janeiro. Segundo Marineuma, hoje em dia existem 7.600 mulheres no grupo criado no Facebook, em 2017. Para ela, organismos formados por mulheres, como esses, são imprescindíveis em uma sociedade, pois alertam como a profissional feminina foi, arbitrariamente, inserida em uma “arquitetura da invisibilidade no mercado editorial”.

O Mulherio das Letras foi criado, exatamente, para tentar combater o estigma vivenciado pelas autoras do campo literário e a forma como elas são tratadas em uma sociedade que privilegia o homem

em vários âmbitos da existência humana. “É só olhar para a composição das academias literárias, consultar um catálogo de nomes que as grandes editoras publicam e ver a lista de quem ganha os prêmios literários, só para citar alguns exemplos. É como se a mulher não escrevesse. Mas, na verdade, a ela são dadas poucas oportunidades de publicar seus escritos e tudo parece mais difícil. É a arquitetura da invisibilidade que nos é imposta por quem manda no mercado editorial”, ressaltou Marineuma de Oliveira.

Tomando como ponto de partida a própria experiência, Marineuma contou que os desafios das profissionais literárias não são distintos do trabalho nas outras áreas, ou seja, elas se dividem entre a carreira e o acúmulo de tarefas no dia a dia, com pouco tempo para se dedicar à escrita e ainda são menosprezadas pelo mercado. Como se esse contexto não bastasse, ainda há os obstáculos presentes na logística para produzir, divulgar e vender os livros. “Somos, muitas vezes, um filão para editoras e

gráficas. Não porque querem nos publicar, mas porque temos que pagar bem caro por esse serviço. Não vejo, também, muita preocupação com a formação de leitores e com o barateamento dos processos de impressão de livros”, declarou a poeta.

De acordo com Marineuma de Oliveira, a criação do movimento foi um divisor de águas na trajetória das mulheres que se dedicam à literatura, porque deu visibilidade à escrita de autoria feminina e a suas pautas. A iniciativa, por ter provocado discussões em torno da cadeia produtiva desse universo, vem mostrando que as profissionais mulheres escrevem, editam, ilustram e criam em todas as etapas do processo que culmina na publicação. “O movimento nos deu voz e fez com que muitas tirassem suas obras do fundo das gavetas e as mostrassem ao mundo”.

Dentro do coletivo, não há uma hierarquia, porém, para que haja uma melhor sintonia e a dinâmica dos encontros possa fluir, as participantes de cada cidade onde o encontro

vai se realizar se reúnem para pensar datas, locais, atividades e organizar a logística, sem, contudo, ter liderança. Dessa forma, o evento tem um perfil colaborativo e horizontal.

Nessa trajetória de busca pela equidade no mercado de trabalho, as escritoras e as demais profissionais do mercado editorial procuram ocupar espaços em eventos que dão visibilidade a suas produções. No cenário nacional, Marineuma de Oliveira enfocou a trajetória das escritoras Maria Valéria Rezende e Marília Arnaud, que já conquistaram um importante reconhecimento no país. Outro projeto que ela citou foi o das mulheres cordelistas paraibanas, principalmente as que fazem parte da Academia do Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB), que têm unido forças para mostrar seus talentos e resistirem em um ambiente tradicionalmente masculino. “No entanto, muitos caminhos ainda precisam ser percorridos para que mais mulheres sejam reconhecidas e, principalmente, lidas, no Brasil como um todo”.

Durante os encontros regionais e nacionais que as integrantes do coletivo feminino participam, novos contatos vão se estabelecendo, aumentando a teia de profissionais literárias

engajadas no movimento, espalhando-se pelo Brasil e por outros países. Desde o início, as redes sociais também têm um relevante papel na comunicação do grupo.

Para a poeta e professora da UFPB, Marineuma de Oliveira, que participa efetivamente do Mulherio das Letras, a criação do movimento foi um divisor de águas na trajetória das mulheres que se dedicam à literatura



Foto: Jucelino Wanderley/Arquivo pessoal

Teia que gera frutos

“Coisa de mulher que não se quebra”. Foi assim que a poeta e escritora Lílian Maia, do Rio de Janeiro, resumiu a resiliência que manteve, em 2022, quando participou da 5ª edição do encontro, na capital paraibana. Na ocasião, a Cidade Maravilhosa foi a escolhida para sediar a próxima edição do evento, que iria ocorrer em 2023. “O 6º encontro transcorreu com muita alegria, beleza, acolhimento e conteúdo excepcionais”.

Já são sete grandes encontros realizados, reunindo participantes de vários cantos do Brasil. E não é porque está distante milhares de quilômetros da Paraíba, que Lílian deixa de trocar expe-

riências com as integrantes do coletivo paraibano. Os diálogos não ocorrem apenas nessas reuniões anuais, mas pelas redes sociais como o Facebook e o WhatsApp, além das atividades individuais ou mesmo coletivas de menor porte. Dessa forma, uma vai divulgando o trabalho da outra, contribuindo da forma que podem e fortalecendo a trajetória feminina na vasta cadeia editorial.

Maia afirmou que toda troca entre mulheres no meio literário é relevante, porque elas precisam se unir para delimitar espaços e marcar presença em todos os campos. Com o compartilhamento de informações, as autoras, editoras, designers e demais profissionais da área atualizam-se sobre o que está acontecendo no Brasil e no mundo, firmam laços, encontram parcerias, oportunidades de

negócios e fortalecem o próprio trabalho. É um ciclo em que todas ganham.

Foi justamente durante a organização do 6º Encontro Nacional do Mulherio das Letras, no Rio de Janeiro, que Lílian teve a chance de conhecer a escritora e articuladora cultural Rozzi Brasil. As duas tornaram-se parceiras de vários projetos literários, inclusive do *Vem pra Cá, Sarau*, movimento comunitário de valorização da escrita e que agrega integrantes do Mulherio das Letras em terras cariocas. “Rozzi compartilha da minha maluquice e impulsividade. Uma projeta a outra. É bonito ver o crescimento mútuo do nosso projeto literário, que só foi possível graças ao Mulherio das Letras. Somos de bolhas distintas. Eu nunca teria a oportunidade de conhecê-la em condições de vida habituais.

E o coletivo nos aproximou, assim como de outras mulheres incríveis e talentosas”, comentou Lílian.

Dessa forma, fica perceptível que os frutos do Mulherio das Letras não concentram-se nas dinâmicas intrínsecas a ele, mas espalham as suas sementes em terrenos férteis, que possibilitam a criação de outros aglomerados de mulheres que produzem suas próprias pautas e eventos. Vale registrar que Lílian Maia e Rozzi Brasil lançaram, nos dias 16 e 21 de junho, na Bienal do Livro do Rio, a antologia comemorativa de um ano de existência do projeto: a obra *Vem pra Cá — Conexões*, que reúne 46 autoras frequentadoras do sarau.

“Nossos projetos não param por aí. Estamos estimulando a criação de outros braços do Mulherio em outros

municípios do Rio. Recentemente, houve a criação do coletivo de Quissamã e região, dentre outros. Tudo isso, graças ao Mulherio das Letras, cuja mentora — Maria Valéria Rezende — faz questão de contabilizar o sucesso de cada uma”, frisou Lílian.

Apesar da satisfação e otimismo em levar adiante ideias que agregam e valorizam o trabalho de mulheres na produção de seus trabalhos literários, Lílian Maia tem plena consciência de que essas profissionais femininas ainda são minoria em todos os pontos da cadeia produtiva do livro. Segundo ela, as grandes editoras são dominadas por homens que buscam seus pares para publicar. “As pequenas editoras, muitas vezes comandadas por mulheres, sobrevivem muito da exploração das autoras. Contratos que não são cumpridos; detalhes que não são discutidos; embustes de publicação sem custo para as autoras em que, na verdade, tudo recai sobre ela, como a pré-venda, que se não for batida a meta, a autora arca com todas as despesas para ter o seu livro por um valor alto, e ainda sem direito à matriz em PDF”, comentou a poeta e escritora.

Por outro lado, Maia afirmou que as mulheres “estão acordando” e entendendo que precisam contar, ao mundo, o que elas vivem. E isso já acontece com as escritoras pretas e periféricas, que estão tendo um estrondo com sua literatura crua e, ao mesmo tempo, poética. “Há um enxame de mulheres ocupando espaços que antes nem sabiam que existiam. E ainda vem mais por aí!”, apostou.

Terra potiguar

Moradora das terras potiguares, a produtora cultural, professora e agente literária, Carla Alves passou a acompanhar o Mulherio das Letras desde a fundação do coletivo, mas a participação efetiva só foi concretizada em 2019, durante o terceiro encontro do grupo, realizado em Natal. “Nesse mesmo ano, empolgada com tudo que envolvia o coletivo, criamos o Mulherio Regional Zila Mamede, que já nasceu com muita energia para movimentar as mulheres escritoras e demais trabalhadoras da cadeia criativa e produtiva do livro”, afirmou.

Assim, como os demais grupos regionais, o Mulherio das Letras Zila Mamede, do Rio Grande do Norte, se articula bastante nas redes sociais. “Atualmente, nosso grupo de WhatsApp tem 102 integrantes e o grupo privado no Facebook está com cerca de 390 mulheres. São nesses espaços que organizamos nossas ações. Temos ainda a página no Facebook com sete mil seguidoras, o YouTube com mais de mil inscrições e o Instagram com pouco mais de seis mil pessoas”.

Por serem regionais muito próximas, há integrantes do Mulherio paraibano no grupo de WhatsApp norte-rio-grandense. Durante a pandemia, que impossibilitou a realização do grande encontro nacional em 2021, as interações virtuais tomaram mais fôlego e as mulheres organizaram uma atividade de grande porte chamada Festival Mulherio das Letras, em homenagem aos 100 anos da Semana de Arte Moderna, cuja data foi celebrada em 2022. “Esse, especificamente, contou com as manas de todo o Brasil”, declarou Carla Alves.

Foto: Adriano Franco/Divulgação



Além dos encontros (foto maior), as atividades individuais e coletivas de menor porte também acontecem; a poeta e escritora Lílian Maia (acima) promoveu o evento no Rio de Janeiro, em 2023; a produtora cultural, professora e agente literária Carla Alves (ao lado) organizou o encontro em Natal, no ano de 2019

Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal



Os frutos do Mulherio das Letras não concentram-se nas dinâmicas intrínsecas a ele, mas espalham as suas sementes em terrenos férteis, que possibilitam a criação de outros aglomerados de mulheres que produzem suas próprias pautas e eventos

As “manas” paraibanas e potiguares não são próximas apenas geograficamente, a poeta Zila Mamede, que batiza o coletivo do estado vizinho, é paraibana de Nova Palmeira, radicada no Rio Grande do Norte. A escolha pelo nome foi intencional, para criar um maior vínculo com o estado que deu origem ao movimento. “Queríamos essa ligação, porque o Mulherio das Letras se mostrou para o Brasil na Paraíba, por ocasião do primeiro encontro nacional que ocorreu em João Pessoa, em 2017”.

A produtora cultural ainda destacou que o diálogo entre as profissionais da cadeia criativa e produtiva do livro é fundamental e tem impulsionado a voz feminina na literatura brasileira. Essa interação vai além da simples troca de ideias, pois cria um ambiente de colaboração e aprendizagem mútua. “Por exemplo, quando editoras, revisoras, ilustradoras, designers, livreiras, divulgadoras e produtoras culturais se unem às escritoras, o processo de transformar um manuscrito em um livro de sucesso se torna mais fluido e eficaz. As escritoras podem entender melhor as demandas do mercado, as tendências editoriais e as estratégias de divulgação. Da mesma forma, as profissionais da cadeia do livro se beneficiam ao compreender as nuances das obras, as intenções das autoras e as particularidades de cada projeto”, comentou Carla Alves.

A relação sinérgica permite que um livro seja não apenas bem escrito, mas também melhor produzido, distribuído e bem recebido pelo público. O resultado é um cenário literário mais inclusivo, diverso e representativo para todas as mulheres.

Florianópolis será a próxima parada

Neste ano, a 8ª edição do Encontro Nacional do Mulherio das Letras será realizado em Florianópolis, capital de Santa Catarina, de 30 de outubro a 2 de novembro (confira no *box* abaixo os lugares onde ocorreram os eventos nos últimos anos).

A edição inaugural, realizada em 2017, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, teve como homenageada Maria Firmina dos Reis (1825–1917), escritora maranhense negra, autora do romance *Úrsula* e considerada “a mãe da literatura afro-brasileira”.

“Mesmo se der errado, já deu certo, estamos todas aqui nesse movimento em movimento”, disse Maria Valéria, na abertura. “Só a preparação do encontro já gerou três livros: uma coletânea contos e crônicas, uma coletânea de poemas e o livro *Outras Carolinas*, do Mulherio das Letras da Bahia, um material de muita qualidade, produzido a muitas mãos e fora dos meios convencionais”.

O evento, que reuniu mais de 500 mulheres de todo o país, ainda contou com a presença da linguista e escritora mineira Maria da Conceição Evaristo, uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio.

- 2017: em João Pessoa (PB);
- 2018: no Guarujá (SP);
- 2019: em Natal (RN);
- 2020: em Porto Alegre (RS), de forma virtual;
- 2021: (não houve por conta da pandemia da Covid-19);
- 2022: em João Pessoa (PB);
- 2023: no Rio de Janeiro (RJ);
- 2024: em Belém (PA).

Imagem: Reprodução/Penalux



Entre as “filhas” do Mulherio das Letras, está o livro *“Outras Carolinas”* (ao lado), organizada pela seção da Bahia e lançada na primeira edição, na capital paraibana, que teve como convidada a renomada escritora mineira Maria da Conceição Evaristo (foto maior)

Foto: Adriano Franco/Divulgação



Sarau Selváticas: um outro exemplo de força feminina

Além do Mulherio das Letras, há vários projetos que engrossam as filas na batalha para a divulgação do protagonismo das autoras. Na Paraíba, entre as mulheres que lutam para ressaltar a presença e a produção feminina na literatura está Aline Cardoso, criadora da editora Triluna e que, com Anna Apolinário, idealizou o Sarau Selváticas. Segundo ela, trata-se de um sarau que ecoa as vozes de mulheres cis, trans, travestis e suas narrativas. No primeiro ano de existência do Mulherio das Letras na Paraíba, a escritora, poeta e editora participou da organização de uma ação promovida pelo coletivo, mas depois seguiu de forma independente.

“Eu preferi me dedicar ao fortalecimento do Sarau Selváticas, enquanto primeiro sarau inteiramente feminista, organizado e realizado exclusivamente por mulheres, no estado da Paraíba”, declarou Aline Cardoso.

Nessa teia que agrega mulheres que atuam no ambiente literário, ela declarou que investir nas Selváticas também seria frutífero para outras mulheres escritoras da Paraíba acessarem um espaço para mostrar seus textos, partilhar leituras e vivenciar não somente a poesia, mas diversas manifestações artísticas criadas por mulheres paraibanas.



Foto: Vanessa Pessoa/Divulgação

Registro da sétima edição do Sarau Selváticas, realizada em julho de 2022, no Hotel Globo, no Centro Histórico de João Pessoa

Segundo Aline Cardoso, em 2017, o projeto já era atuante e, em julho de 2022, na 7ª edição do Sarau Selváticas, um dos momentos da programação foi a produção da foto histórica das escritoras locais, assinada pela fotógrafa Vanessa Pessoa, com participação das autoras da cena local. “O material fez parte do livro *Um Grande Dia para as Escritoras*, iniciado em São Paulo e capitaneado na Paraíba por mim. Todas as fotos feitas no Brasil e no exterior integraram a edição do livro que foi publicado pela editora Bazar do Tempo, organizado por Giovana Madalosso”, contou.

Em março deste ano, Aline Cardoso contou que o grupo realizou um paredão de lambe-lambes, com a montagem de uma intervenção pública no Beco Cultural da Cachaaia Philipeia, com três por dois metros, que teve uma reação bastante positiva da sociedade.

“Recebemos muitos registros de turistas e leitores(as), escritores(as) e transeuntes capturados pelo nosso ato, que

configura um gesto não apenas poético, mas também político, pois nossos corpos e nossas escritas são também atos políticos e ao mesmo tempo revolucionários. A literatura é capaz de resistir ao tempo, principalmente quando enfrenta os dilemas, questões, inconsistências e incoerências de seu próprio tempo. É assim que somamos nossas forças na escrita de um futuro em que já não precisaremos falar sobre as barreiras, as visões distorcidas, os silenciamentos, a violência de gênero e a misoginia. É preciso sonhar com um tempo em que poderemos viver e não resistir às diversas camadas de extermínio físico e simbólico”.

A trajetória do sarau pela valorização da mulher no campo editorial, semelhante a caminhada do Mulherio das Letras, é mais um fio da teia que reúne

profissionais brasileiras na batalha, seja ela coletiva ou individual, por dias melhores em todos os âmbitos da sociedade.

Editora, poeta e escritora, Aline Cardoso mobiliza em muitas frentes em prol da literatura feita por mulheres, a exemplo do Sarau Selváticas, que é uma das organizadoras



Foto: Arquivo pessoal

A venda do machismo estrutural

Apesar de a produção das mulheres ocidentais ter avançado ao longo do tempo e se tornado bastante profícua no campo literário, segundo o professor e pesquisador da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Antonio de Pádua Dias da Silva, a mudança de pensamento sobre os sujeitos de gênero ocorre numa proporção assimétrica ao real reconhecimento dos indivíduos sociais. O não reconhecimento do trabalho de autoria feminina no campo da escrita, segundo ele, ainda ocorre porque somos herdeiros da tradição machista que corrobora toda uma discursividade em favor dos homens e menorização das mulheres.

“Em outros campos do conhecimento, chamam essa prática social e cultural também de machismo estrutural. Por essa lógica, toda e qualquer produção de arte ou literária, por comparação, associada a uma autoria masculina parece ganhar mais relevo do que àquela associada a uma autoria feminina. Essa lógica perversa, por incrível que pareça, é reproduzida em cursos de formação de professores de linguagem, como o de Letras, por profissionais homens e mulheres que não questionam as bases de produção, valoração, circulação e recepção dos livros literários publicados”, comentou Dias, que é pós-doutor em Ciências da Literatura e estuda questões de gênero e sexualidade. Entre suas publicações está a obra *Mulheres Representadas na Literatura de Autoria Feminina: vozes de permanência e poética da agressão* (2011).

De maneira geral, o professor afirma que todas as pessoas — que escrevem literatura e que se distanciam dos valores ou ideais que sustentam essa visão distorcida — encontram sérias dificuldades de acesso às editoras e à publicação. Os mesmos desafios ocorrem com aqueles que produzem, geograficamente e culturalmente, distantes dos grandes centros irradiadores ou valorizados no campo literário (Sudeste).

Antonio Dias ainda destacou que, no caso específico das autoras, ainda fica mais difícil alcançar as mídias literárias por causa do ranço da tradição machista que potencializa, afirmativamente, o autor e enfraquece a produção das mulheres.

O preconceito em relação à produção feminina vem de vários séculos, porém, Dias citou um fato mais recente, da década de 1930, mencionando o livro *Um teto todo seu*, lançado pela escritora britânica Virginia Woolf (1882–1941). Na obra, a autora retrata a liberdade que um homem tinha, na época, na produção do trabalho fora de casa, acesso ao campo educacional e qualquer forma de experiência que enriquecesse seu repertório de vida. E, em casa, lhe era re-

servado um cômodo especial, o escritório, para que ele pudesse desenvolver sua escrita, sem se envolver com as tarefas domésticas, pois essas últimas estavam a cargo das mulheres.

Já naquela época, Virgínia Woolf questionava essa situação e denunciava que as mulheres não eram educadas para participar do contexto literário como os homens, salvo como leitoras passivas de determinados livros. O professor Antonio Dias reconhece que evoluímos desde então, porém, “o machismo estrutural continua favorecendo os autores em detrimento das autoras, por causa da tradição que em qualquer lugar onde a cultura é viva, é difícil de ser alterada em curto espaço de tempo”, explicou.

“Estamos vivendo um momento de eclosão de escritas de autoria de mulheres, mas as produções delas, comparativamente, continuam ainda sem ter alcançado escalas mais altas como as escritas dos homens. Mas isso, por enquanto”, prevê o pesquisador.

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do ‘Correio das Artes’. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

“Um teto todo seu”, da escritora britânica Virginia Woolf (1882–1941)



Imagem: Reprodução/Antofágica



João Batista de Brito
brito.joaobatista@gmail.com

Imagens amadas

Uma tragédia paraibana

A história já foi contada muitas vezes, em jornais, livros, cordel e até em tese de doutorado. Sem falar nos relatos pessoais: tenho um amigo que a narra com tanto entusiasmo que até parece ter sido testemunha do caso.

De minha parte, sempre a ouvi, ou li, como um “argumento cinematográfico”, pronto para ser

filmado. E que filme daria! Enfim, acho que vale a pena (re)contá-la mais uma vez, sobretudo neste ano de 2025, em que estamos, quando faz exatamente 102 anos do trágico ocorrido.

Estávamos na Parahyba de 1923, capital do estado do mesmo nome. Mais exatamente na Praça Felizardo Leite (atual Praça João Pessoa), onde se situavam os dois educandários mais importantes da época: ao lado esquerdo do Palácio da Redenção ficava o Lyceu Paraibano. Um pouco para o lado direito, a Escola Normal. Na-

quele estudavam os rapazes; nesta, as moças, tudo bem separadinho.

Evidentemente, antes ou depois das aulas, rapazes e moças se aproximavam uns dos outros, eventualmente conversavam, ou mesmo flertavam. Afinal, os bancos da praça não exigiam separação de sexos. Dentre eles, dois namorados apaixonados eram Sady e Ágaba, que sempre aproveitavam os horários de saída dos colégios para um toque de mãos ou uma palavra de amor.

Contudo, para o diretor da Escola Normal, o Monsenhor João Batista Milanês, aqueles encontros públicos dos dois sexos pareciam escandalosos, e assim, não hesitou em impor, na rua, a moral que já impunha dentro da escola. Deu ordem para que fosse estabelecida, entre a calçada da escola e a da praça, uma divisória (chamada por ele de “linha de decência”) que separaria, a partir daquela data, rapazes e moças. E providenciou a divulgação da medida para que todos ficassem cientes, com a informação de que os infratores seriam seriamente punidos.

A linha era imaginária, mas muito nítida para o policial Antônio Carlos de Menezes, o encarregado de impedir o trânsito de um lado para o outro. Armado com sua pistola, o guarda 33, como era conhecido, estava disposto a levar a ordem recebida ao pé da letra.

Um certo dia, 22 de setembro, abertura da primavera, o jovem estudante do Lyceu, Sady Castor Correia Lima, ansioso para, no término das aulas, ir ter com a namorada Ágaba Gonçalves de Medeiros, não se importou em atra-

vessar a “linha de decência”. O guarda 33 tentou impedi-lo, sem sucesso. Os dois discutiram, se atracaram e logo se ouviu um disparo e uma queda: era o corpo de Sady Castor, já sem vida.

Convulsão geral na pequena Parahyba. Revoltados, os estudantes do Lyceu se rebelaram. Houve protestos de toda ordem e o corpo de Sady foi velado no *hall* do colégio, entre comoção e ódio. O enterro, no Cemitério do Senhor da Boa Sentença, arrastou uma multidão indignada. O caso virou um escândalo político que destituiu autoridades, não apenas o diretor da Escola Normal, como também o governador em exercício, Solon de Lucena.

De sua parte, chocada com a morte do namorado querido, Ágaba caiu em depressão. Os pais, parentes e amigos fizeram o que puderam para ajudar, sem muito resultado. Quinze dias depois do ocorrido a jovem foi encontrada morta em seu aposento: havia ingerido dose letal de veneno. Como se vê, os shakespearianos amantes de Verona não foram mais inditosos que os nossos Sady e Ágaba.

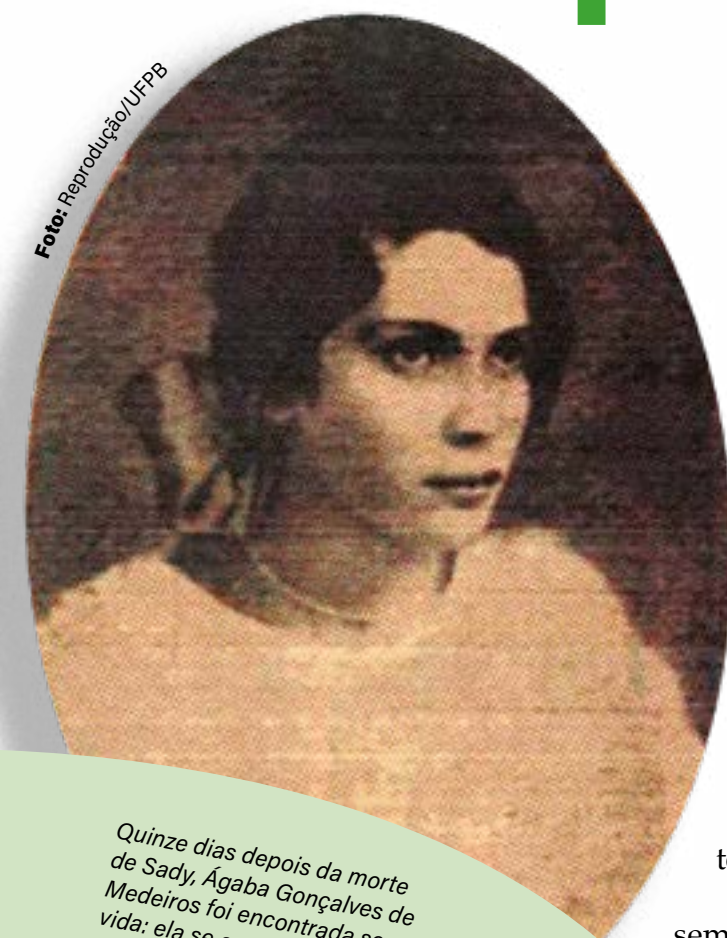
Um dia antes da morte da moça, a sua ex-futura sogra recebera uma missiva em que Ágaba falava de sua dor e, tragicamente, anunciava o seu próprio fim.

Fecho este artigo com o trecho final da mis-

Na abertura da primavera, Sady não se importou em atravessar a “linha de decência” para ver a sua amada Ágaba. Um guarda tentou impedi-lo, sem sucesso. Os dois discutiram, se atracaram e logo se ouviu um disparo e uma queda: era o corpo do jovem estudante

siva: “Peço-lhe que abençoeis aquela que amanhã irá fazer companhia àquele que soube honrar e fazer-se honrar.”

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



Quinze dias depois da morte de Sady, Ágaba Gonçalves de Medeiros foi encontrada sem vida: ela se envenenou



Enterro de Sady Castor Correia Lima, no Cemitério do Senhor da Boa Sentença, arrastou uma multidão indignada

Fáustico

Ao personagem o poder
em dívida arraigada,
ao ínfimo encontro cabal
na sutil derrocada
privilégios ceder.

vantagem imediata
tem tamanho Fáustico
renegocia a vida,
mergulha em elos
sentidos
repartidos
sarcásticos.

Arrependimento vão
de casa vazia
e manobras tardias,
que se partia
atravessava
e em sua porta batia
e ressoava.

Saudade dá sinal a esmo
sem melodia,
com consequências perniciosas
ao estalar do meio-dia

E eu sabia
que a vida repartia
tendenciosa.
Goethe já me dizia
que ser necromante
a vida partia
sem rigor alarmante
preocupante e tendenciosa.

e o anseio tenebroso
em sangue vertia
convulsões de sentimentos
que por um único momento
se arrependia.

Maria

As mãos de veias grossas
Engrossadas pela vida
de dona Maria querida
que tanto sofreu na lida.

Repousam os danos dos anos
de uma vida pesada e tida,
por muitos como castigo
ou carma /pagamento de dívida/.

De vida Maria carece
que os danos lhe legaram,
noites e dias em prece
que os joelhos ralados rogaram.

Rezando pela vida
de sua família querida.,
e na lida do chão
trabalha fio a fio,
sonhando com o tostão.

E para apaziguar a fome
Maria de sobrenome Silva,
papa de farinha come,
e do destino vil se esquivava,
quando ao meio dia
o sol em sua face criva
seu próprio sobrenome.

Inspiração

Inspiro-me ideologicamente
pela vida
na lógica subversiva
de que a vida
pode ir além.

A inspiração que me cabe
revela-se na estrutura
do que a vida faz a mistura
dos elementos que ainda têm..

Inspiro-me na ventura
de uma vida sem amargura
que se estrutura
na vida borradura
sem contexto vão
e que não se detêm.

Inspiro-me na razão
que faz o órgão coração
bater em bom tom
melodicamente
e no ínfimo descompasso
encontrar o fato
da inspiração não ser em vão
e não abstém.

Mãe

Sem melindres
escancarou a vida,
sem dó de si
com espinhos trançados
embrenhou outra vida.

se contorceu no momento
e de água salgada fez alimento.

Com ataduras
negaram -lhe consolo
de outra vida empalidecida
fez -se o choro.

se retorcendo
rompeu o selo
e depois de tudo
caiu
insolitamente
em devaneio.

Feriado

Feriado no Brasil é alegria
é desejo pedindo passagem
é voo pegando carona
é estalagem.

é vagão de poesia clandestina
que chega e vai com alarde
é proveito garagista
de período e duas margens.

é na realidade a contramão
ao mercado e a instituição.

E soneto pegando carona
no atabaque e no pandeiro
é percussão de um momento faceiro
e ao findar a poesia
choca-se com o muro
a [monotonia].

OnlyFans

Trabalhadores do deleite
lédice, transparência
em fita vermelha escarlata
latte, gáudio da obscenidade.
Contento sem casca

o fruto-produto
a amostra,
nudes que aos olhos toca.
Passatempo desenfadado
egos inchados,
recreio,
Prateleira do meio
sem polidez
OnlyFans
o intento da insensatez.



Ilustração: Tônio

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas — UFPB) e Licenciada em Letras Português (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.



Anayde Beiriz

Uma mulher que atravessou o tempo

Cyelle Carmem

Especial para o *Correio das Artes*

Anayde Beiriz. Quando cito esse nome, qual a primeira coisa que lhe vem à cabeça? Mulher de João Dantas, sensual e devassa? Ou mulher livre, que teve sua vida íntima e amorosa exposta em cartas publicamente?

Por diversos anos, a escritora foi injustamente julgada e apagada como mulher, poeta e professora. Anayde Beiriz é a fala de mulheres silenciadas, a coragem diante da opressão. Portanto, quero enfatizar sobre a verdadeira Anayde da Costa Beiriz e sobre sua importância para a literatura paraibana.

Ela nasceu na Parahyba do Norte, em 18 de fevereiro de 1905. Era filha de Maria Augusta de Azevedo e de José da Costa Beiriz, este tipógrafo do jornal *A União*. Seus irmãos eram Antônio, Helena e Maria José. Em 1928, foram morar na Rua Santo Elias, nº 176, no Centro de João Pessoa. A casa foi tomba-

da pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) e uma placa foi colocada em frente à residência, com informações sobre quem mora no local, por sua importância histórica para o Estado da Paraíba.

No entanto, atualmente o imóvel abriga uma loja de roupas, devido ao grande movimento do comércio na área, e a placa já não se encontra mais.

As mulheres da Paraíba devem conhecer Anayde, a “Pantera dos olhos dormentes”, como ficou lembrado o furacão que chacoalhou as estruturas do machismo nas décadas de 1920 e 30. Quanto ao apelido que lhe atribuíram, ela relata em carta:

“Devo acrescentar-te que os meus amigos que escrevem nos jornais em que escrevo, chamam-me Pantera dos olhos dormentes! Sabes por quê? Porque dizem que nos meus contos eu

sempre ponho uma mancha de sangue e porque gosto de tudo que é vermelho. Creem eles que eu sou trágica, que gosto desse amor que queima, dessa paixão que devora, dessa febre amorosa que mata. É certo que antigamente eu pensava que se viesse a amar alguém era desse modo. Simpatizava em extremo com essas mulheres que matavam aqueles a quem tinham amado, que faziam morrer os amantes nos braços misturando a delícia de amar a agonia de morrer” (7 de março de 1926).

A “pantera” teve uma forte influência na cultura literária produzida na Paraíba e na construção de novas formas de acesso à educação, na década de 20. Formou-se na Escola Normal, em 1922, como a primeira da turma, com apenas 17 anos. Logo depois passou em concurso público para professora. Educadora, com o olhar voltado para a real necessidade

da educação, Anayde foi precursora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e tentou sanar a necessidade de uma sociedade carente em escolas, como forma de crescimento social e melhoria da vida profissional da sociedade paraibana. Lecionou na Escola de Pescadores da Colônia Z2, em Cabedelo, onde permanecia de segunda à sexta. Exerceu o magistério de 1922 a 1930, numa época em que, na Paraíba de 1927, 77,7% da população era constituída por analfabetos. Até o começo dos anos 1930, o número de alunas era metade do número de alunos.

A professora e poeta era defensora do voto feminino e do livre-arbítrio da mulher em todas as esferas. Em pequeno artigo, Anayde Beiriz escreveu: “Elevemos a mulher ao eleitorado; é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada. Em vez de a conservarmos nesta injusta minoridade, convidemo-la a colaborar com o homem na oficina da política. Que perigo pode vir daí?”

Anayde vivia a arte e transpirava arte em todos os momentos da vida, seja amando alguém, seja escrevendo, ou recitando. Ela era intensa e, para a época em que viveu, era “fora de tom”, exagerada demais. Nesse sentido, a poeta sabia que seu comportamento incomodava a sociedade machista da época, dizendo:

“Quanto à sociedade, eu aborreço-a; nada vejo que me possa prender a ela. A vida que eu almejo é bem diferente dessa existência inútil e vazia que poderia encontrar ao lado desses ridículos meio-homens que são os nossos almofadinhas. Sonho uma vida tranquila, sem preocupações e sem tristezas” (12 de julho de 1925).

Beiriz era defensora do voto feminino e do livre-arbítrio da mulher em todas as esferas, além de ser precursora da Educação de Jovens e Adultos (EJA)



Foto: Arquivo da família

A jovem escrevia para jornais locais e de Recife, assim como para revistas literárias de Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Seus textos eram publicados na revista *Era Nova*, que circulou na Paraíba nos anos 1920, assim como na *Revista da Semana*, que dialogava com o movimento modernista. Chegou a contribuir como jornalista da *Revista da Cidade*, em Recife. Nos finais de semana, frequentava saraus lítero-dançantes e nessas ocasiões recitava poemas. Fez parte do grupo Os Novos, em que discutia literatura, artes e política, como a única mulher.

Em 1983, foi lançado o filme *Parahyba Mulher Macho*, dirigido por Tizuka Yamazaki e inspirado no livro *Anayde: Paixão e Morte na Revolução de 30* (1980), de José Joffily. Poderia ter sido uma grande obra cinematográfica que celebra a mulher genial, corajosa e escritora criativa que foi Anayde Beiriz. Porém, o filme tomou proporções desastrosas quando apresentou uma mulher bastante sexualizada, que vivia o amor com João Dantas, como se a importância dela dependesse somente da existência dele. Nenhuma menção à sua obra artística foi citada. Além disso, após o lançamento da película, Helena, a irmã da jovem, entrou com ação judicial na 1ª Vara Cível da cidade, em 1985, contra a direto-

ra, por apresentar inverdades e calúnias que nunca aconteceram, como estupro e nudez de Anayde, e deturpar as personalidades retratadas. Para piorar a situação, que já era lamentável, o *folder* de divulgação retrata, vulgarmente, as pernas abertas de uma mulher, representadas pela letra “M” do título do filme. Dessa forma, temos uma rápida ideia de como Anayde, interpretada por Tânia Alves, teve seu corpo sexualizado e sua feminilidade invadida.

Acerca desse trágico lançamento cinematográfico, Marcus Aranha (2005) aborda de maneira bastante enfática, em várias páginas de seu livro *Anayde Beiriz: Pantera dos olhos dormentes*, como o filme tragou a verdadeira história de Anayde e a reduziu mais uma vez à amante de João Dantas, sem atribuir-lhe sua real importância para a educação e para a literatura. No mais, Ara-

nha se ateu às cartas amorosas da escritora para um namorado.

Já o livro de José Joffily, aborda mais profundamente os desdobramentos da Revolução de 30, que eclodiu após o assassinato do presidente João Pessoa e as mortes de João Dantas e de Anayde Beiriz.

Sem descartar a importância das obras citadas, considero o livro *Anayde Beiriz: a última confidência* (2022), da produtora cultural Valeska Asfora, como um divisor de águas quanto a informações mais claras, objetivas e inéditas sobre Anayde. O livro contém detalhes da obra e da vida de Beiriz, e abriu portas para que pudéssemos saber mais sobre essa escritora paraibana forte e necessária. Valeska traz vários contos e poemas ainda inéditos, publicados somente nas revistas citadas anteriormente e outros de posse da família. Algumas

produções foram das poucas salvas e mantidas pela família, com quem a autora conseguiu contato e teve acesso a esse novo material para as novas gerações poderem conhecer e aprofundarem-se na raiz cultural paraibana, libertadora e potente que é Anayde. A autora também dá ciência acerca das cartas de despedida que Anayde deixou para a mãe, para a irmã e para o Chefe de Polícia, isentando de sua morte as freiras do Asilo, assim como divulga no livro as notícias dos jornais sobre seu falecimento e o manuscrito de registro de óbito.

Para a mãe, Maria Augusta, escreveu: “A hora em que esta carta chegar às tuas mãos, a tua filha já não viverá. (...) Mãe: a tua Anayde não tem resignação, não tem força bastante para resistir ao golpe tremendo que a fatalidade lhe vibrou. Mataram-lhe o amor, a crença, a esperança, a felicidade. (...) Mãezinha: de joelhos a tua filha te pede a bênção e te beija de longe os cabelos brancos, num adeus definitivo” (trechos da carta, redigida em 11 de outubro de 1930).

Quanto ao livro *Anayde Beiriz: rememorando a vida e a história* (2023), de Francisca Vânia, professora e mestra em Letras, a autora aborda os efeitos do patriarcado e do machismo dos anos 1920 e 30 na vida das mulheres, principalmente na vida de Anayde Beiriz. Tais efeitos influenciavam diretamente no direito de ir e vir da poeta, uma vez que era malvista como a mulher que andava desacompanhada, que dançava com colegas homens nos saraus lítero-dançantes e recitava poemas que causavam espanto, pelo teor amoroso e sedutor.

Assim, por viver com total liberdade e ser companheira de João Duarte Dantas, seu nome foi envolvido na Revolução de 30, como motivadora principal



Lançado em 2022, o livro “Anayde Beiriz: a última confidência”, de Valeska Asfora é um divisor de águas quanto a informações mais claras, objetivas e inéditas sobre a professora e poeta paraibana

do assassinato de João Pessoa cometido por Dantas, como resposta ao arrombamento do apartamento do advogado, realizado pela polícia do presidente, localizado na Rua Duque de Caxias, de onde foram extraídos documentos e cartas pessoais. Estas, direcionadas ao namorado, de conteúdo íntimo e erótico, foram expostas à leitura pública em uma delegacia da polícia.

Acuada, ela abandonou a sua residência na Paraíba e foi morar em um abrigo, em Recife, onde passou a visitar João Dantas, detido em flagrante e recolhido à casa de detenção daquela cidade. Porém, a vida do advogado não duraria muito. Após a morte de Dantas, poucos são os textos de Beiriz que escaparam da fogueira da moral imposta pela sociedade paraibana da época.

Por não suportar mais tamanha perseguição e exposi-

ção de sua vida, tomou veneno e morreu em 22 de outubro de 1930, no Asilo Bom Pastor, em Recife, com 25 anos de idade. Ela pagou com a vida a vontade de viver com liberdade, quando não se permitia tê-la. Foi enterrada no Cemitério Santo Amaro como indigente, conforme Certidão de Óbito nº 2585, Fls. nº 21, Distrito de Afogados.

Assim, Anayde Beiriz nos ensina até hoje sobre resistência, liberdade, coragem e direitos femininos garantidos. Essa importante mulher paraibana precisa ser lembrada como deve: escritora atuante nos saraus, publicada em jornais com poemas, contos e artigos e professora, formada aos 17 anos, que contribuiu grandemente com a educação, a cultura e a luta por direito ao alfabetismo de crianças, jovens e adultos, e por direitos das mulheres.

Cyelle Carmem é escritora pessoense e mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Entre as obras publicadas, estão a coletânea de poesias ‘(Uni) verso’ (2013); o romance ‘O Tempo da Delicadeza: ou mais um janeiro’ (2016); e, o seu mais recente livro de poesia, ‘As árvores morrem de pé’ (2021).

Foto: Ortilo Antônio/Arquivo A União



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União



Tombada pelo Iphaep, casa onde viveu Anayde, na Rua Santo Elias, 176, no Centro de João Pessoa

O genro

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

1

Minha sogra deixou-se cair numa poltrona que gemeu com todas as suas molas sob a violência de 100 quilos e 12 gramas.

Depois, cruzando as mãos volumosas de unhas sujas sobre o abdômen opulento, protestou:

— Isto não pode continuar! Sou uma mulher, não um cavalo! O que meu patrão me paga para catar a sua sujeira diariamente é uma miséria! Ou me aumenta e diminui a faxina ou vou procurar outro emprego...

Minha esposa, perturbada com a situação, voltou para mim seus olhos doces, suplicantes, e falou:

— Macário, você não se compadece de sua sogra? Desde que um bonde matou papai que ela precisa trabalhar deste jeito! E, agora, aos 60...

— E o que você quer que eu faça, Marisa? — perguntei, desconfortado.

— Nós estamos bem e podíamos ajudá-la financeiramente ou adotá-la como hóspede — sugeriu minha esposa.

Enquanto eu silenciava, contrário ao tóxico pedido, a velha voltou a resmungar, como reforço ao argumento da filha:

— Eu não consigo mais me pôr de quatro para limpar o pó debaixo dos móveis. É bom para os gatos, não para pessoa de minha idade, obesa como eu...

A palavra “obesa” me arrepiou, ao evocar a dentadura de minha sogra devorando prato atrás de prato, quando resolvia jantar conosco.

Minha esposa quis quebrar a minha mudez, à cata de uma resposta, e pigarreou:

— E então, querido, o que resolveu?



Ilustrações: Tônio

Sou vendedor de seguros de vida e sei transformar a massa cinzenta em baba malandra e me saí com o seguinte recurso:

— Acho que, conforme dona Carminda mesmo disse, deve procurar outro patrão, talvez mais brando em explorá-la, e tentar um novo emprego. Se não der certo, vou voltar ao assunto.

Minha esposa não apreciou a contemporização, porém teve que aceitá-la, devido ao meu ar de boa vontade, desferido através de meus olhos azuis de exímio vendedor de seguros.

2

Quando minha sogra, meses após, teve problemas de hérnia e sofreu uma operação, fui obrigado a acolhê-la, quando saiu do hospital consumindo a sua 34ª maçã.

Minha vida tornou-se uma sucursal do Inferno, logo que dona Carminda encaixou-se em nossa tranquila residência, sem crianças.

A figura rara zerava as prateleiras de comida como uma nuvem de gafanhotos, intrometia-se em todos os assuntos e ocupava quase sempre minha cara-metade com suas exigências.

Eu mal tinha tempo para beijar Marisa; sexo, então, só no meio da madrugada, com o sono corroendo metade do prazer.

Minha esposa aumentou suas olheiras e tremura nas mãos e eu diminuí a alegria de viver e o superávit de meu bolso.

Num desabafo que fiz, acerca de minha sogra, ao meu compadre Bartolomeu, ele propôs, travessamente, que eu colocasse veneno de rato na sopa da velha.

— Cada dia uma colherinha, claro, ou a radiopatrulha vai cantar em seu portão!

Bartô riu, mas eu, não.

3

Depois de um mês, dona Carminda não morreu e Marisa parecia cada vez pior.

— O que está acontecendo com você, mulher, que mal fica de pé? — perguntei-lhe.

— Mamãe me suga as energias e desconto nas refeições. E ela, ao contrário, está fazendo regime, a pedido médico.

“Meu Deus, estou envenenando minha esposa!” — pensei, aterrado.

E parei com a mania dos Bórgia.

4

Um domingo, Marisa, já melhor de saúde, foi visitar uma colega de escola, que ia noivar, e eu resolvi preencher a sua ausência com um assassinato.

Resolvi dar um basta naquela condição afogando minha sogra sob um travesseiro bordado de rosas, enquanto dona Carminda cochilava, após o almoço (de novo exagerado).

Estava abaixando o receptáculo dos sonhos para cometer o ato, quando escorreguei na urina que havia transbordado de seu penico e desabei a perna esquerda no chão.

Meu grito não conseguiu vencer o som dos roncos.

Arrastando-me pelo piso frio, alcancei o telefone para chamar a ambulância.

E agora, com o membro engessado, passo os dias longe do trabalho, com pleno tempo do mundo para imaginar mil maneiras de eliminar minha sogra.

Todas criativas, porém inúteis.

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura, autor de mais de 60 livros e membro da Academia de Letras do Brasil (ALB), em Brasília (DF).



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Convivência

crítica

Rogério Newton, cronista

A crônica não me parece um gênero fácil como pensa a maioria dos leitores. Seu ar de prosa à beira da calçada, de conversa espontânea no largo da esquina, do “disse-me-disse” acerca dos fenômenos da doce banalidade ou das coisas miúdas e desimportantes do dia a dia fazem parecer, aos incautos e apressados de sempre, que se trata de jornalismo lúdico ou de literatura menor.

Ledo engano!

A crônica, em sendo discurso híbrido, oblíquo, ambivalente, se for crônica legítima, integra perfeitamente a esfera verbal da melhor literatura. Se consiste numa escrita “ao rés do chão”, no douto dizer de mestre Antonio Candido, assume, aqui e ali, os predicados

Foto: Antonio Amaral/Facebook



Piauiense de Oeiras, Newton lançou neste ano o livro “*Evangelho dos mortos do cemitério da praia de Barra Grande*”

característicos da mais genuína expressão poética.

Ouso afirmar, portanto, que a crônica só é crônica de verdade se nela estiver, embutida, certa respiração lírica a transmutar os vocábulos da frase em signos dotados de valor artístico. Não sendo assim, a crônica se confunde com o comentário, a reflexão, o artigo e outras modalidades de texto onde a referencialidade do assunto se sobrepõe ao apelo da estesia.

Penso assim porque leio Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlinhos de Oliveira, Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo, Sanderson Negreiros, Gonzaga Rodrigues e Rogério Newton, entre tantos escritores cronistas ou cronistas poetas espalhados pelos “Brasis” afora.

Deste último, piauiense de Oeiras, acabo de ler o conjunto de crônicas do livro *Evangelho dos mortos do cemitério da praia de Barra Grande* (Teresina: Edições Pulsar, 2025).

Crônicas já publicadas na revista *Reversés*, e que, nessa

coletânea, ganham um novo formato e a possível aura da duração no tempo, peculiar à forma livresca.

A coletânea está dividida em três seções temáticas: *O solitário silêncio das ruas*, *Morcegos azuis* e *Dança secreta*, além de uma entrevista concedida pelo autor a Wellington Soares, intitulada *Fazemos literatura à procura de sentido para a vida*. As epígrafes, assinadas por Gonzaga Rodrigues (“A morte perdeu seu tempo”) e por Guimarães Rosa (“Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”), funcionam como portas de entrada para o mundo mágico que os textos nos apresentam e revelam.

Lugares, pessoas, lembranças, monumentos, sensações, testemunhos, reflexões, experiências subjetivas, motivos abstratos, coisas da rotina, so-

Na composição das crônicas, lugares, pessoas, monumentos, lembranças, sensações, reflexões, testemunhos, experiências subjetivas, motivos abstratos, coisas da rotina, sonhos e devaneios

nhos, devaneios, tudo compõe a urdidura verbal dessas crônicas em tudo arraigadas à sua fina tradição literária.

Rogério Newton, no ritmo cadenciado de sua prosa, límpida e elegante, evoca sua mitografia pessoal, a infância, a família, a casa, a rua, a cidade, sempre na justa medida do poético, porque transforma, pelo uso especial da linguagem, as vivências singulares de sua memória e de suas emoções em experiências que são de todos nós. Dito



Imagem: Reprodução/Edições Pulsar

de outra forma: o individual, aqui, precisamente pelo processo de transfiguração vocabular, adquire estatuto de universalidade.

O tom das palavras se aproxima quase sempre do poético, e a perspectiva do cronista é sempre empática para com o outro que o motiva e o afeta. Seja uma praça, uma calçada, um bar, um riacho; seja um bicho, um objeto, uma criatura humana; seja um acontecimento, uma recordação, uma ideia, uma palavra.

Distingo, em particular, algumas passagens, exatamente pela maneira criativa com que o autor exprime certas sensações. Exatamente aí está a presença vívida do escritor, do escritor literário, como diria

Gilberto Freyre, isto é, aquele escritor que colhe a melhor palavra e cuida de suas virtualidades significantes, imagéticas e musicais.

Em *Beco dos jasmims*, a primeira crônica, por exemplo, fala numa “gente como eu, que não sabe viver sem o hálito da manhã”. Esse pequeno pormenor (“o hálito da manhã”), em sua sutileza semântica, diz muito do olhar do cronista. Sensibiliza e alarga a percepção do leitor.

Neste mesmo recorte, chamo a atenção para o emprego do adjetivo “nostálgicos” atribuído a “cabelos”, na crônica *Poema sujo*, assim como para o verbo “deslizar”, nessa passagem de *O pão da crônica*:

“(…) anônimo e esquecido no fundo do quintal, desfrutando o domingo que deslizava debaixo das nuvens do clarazul céu do Piauí.”

Em *O galope das palavras*, crônica que resgata a figura do escritor José Expedito Rego e as seis cartas que este lhe destinou, arremata, em compasso meditativo, afirmando:

“Gosto de pensar nele como um escritor que amava os livros e a ciência e detestava injustiças sociais e hipocrisia. Mas nada disso supera o ser humano que me premiou com o galope das palavras de seus textos e de suas epístolas breves e inesquecíveis.”

Em *casa de marimbondos*, alude àquele que escreve, de certa maneira, discorren-

“Rogério Newton é cronista atento ao corpo das palavras, à composição harmônica da frase, à edificação melódica dos períodos, enfim, às possibilidades renováveis do idioma”

do sobre si mesmo e sobre o complexo e sinuoso ato de escrever, numa consideração metaficcional das mais sugestivas, envolvendo, ao mesmo tempo, o escritor e o leitor, conforme o trecho que se segue:

“(…) Escritor nenhum permite dominar-se pelo fluxo da criação. Isso pode acontecer num primeiro momento, depois seu crivo impiedoso debasta todas as palavras. Tem que ser assim. Quer dizer, tem que ser mais ou menos assim, ou melhor, nada tem que ser assim, pois, na verdade ou na mentira, o escritor não tem domínio sobre nada. Muito menos o leitor.”

Newton é cronista atento ao corpo das palavras, à composição harmônica da frase, à edificação melódica dos períodos, enfim, às possibilidades renováveis do idioma.

Veze, atenua a cadência do texto, narrativo ou descritivo, para arriscar, com sabedoria, registros reflexivos em torno mesmo do que faz, isto é, do ato de escrever, aqui já referido, mas também em torno dos variados sortilégios

da vida a que a crônica pode responder, com a abertura, a leveza e a poeticidade intrínsecas ao gênero.

Rogério Newton está com 65 anos de idade e tem formação jurídica. É defensor público aposentado. Sempre se dedicou, no entanto, às atividades literárias e culturais na cidade de Oeiras e de Teresina. É poeta, romancista e ensaísta dos mais representativos do seu estado de origem. Antes deste, publicou os seguintes livros de crônicas: *Ruínas da memória* (1994), *Pescadores da tribo* (2001), *Conversa escrita N'Água* (2006), *Grão* (2011), *Crônica dos enigmas de Oeiras* (2015) e *Lua no caminho* (2023).

Seu nome se insere, portanto, na fértil tradição literária do Piauí. Tradição a que pertencem, entre as várias gerações de ontem e de hoje, figuras como Da Costa e Silva, Álvaro Pacheco, Francisco Miguel de Moura, O. G. Rego de Carvalho, H. Dobal, Esdras do Nascimento, Mário Faustino, Assis Brasil, Torquato Neto, Cineas Santos, Paulo Machado, Rubervam do Nascimento e tantos outros.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor diversas obras no campo da poesia, crítica, crônica e ensaio. Mora em João Pessoa (PB).

Originalmente, as crônicas dessa nova coletânea de Rogério Newton já foram publicadas na revista “Revestrés”

Audaci Junior

Editor do *Correio das Artes*

Depois de vários anos exercendo o mesmo ofício, um profissional — além de adquirir a experiência — pode ficar “institucionalizado”, adormecendo o seu tato para um enquadramento, não sentir mais o faro para o clique certo ou simplesmente ficar cego com o vaivém da dança cotidiana, perdendo totalmente o ritmo.

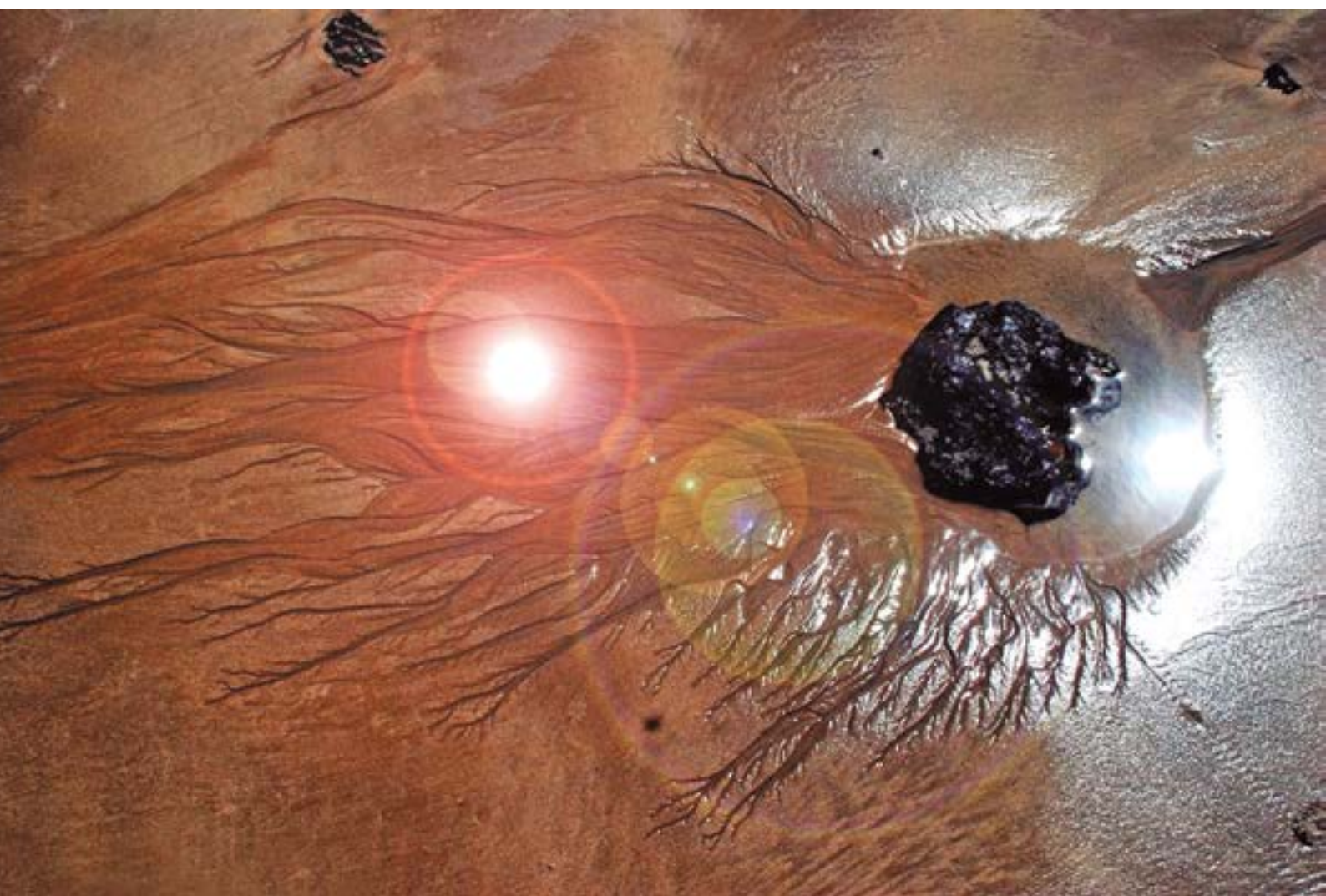
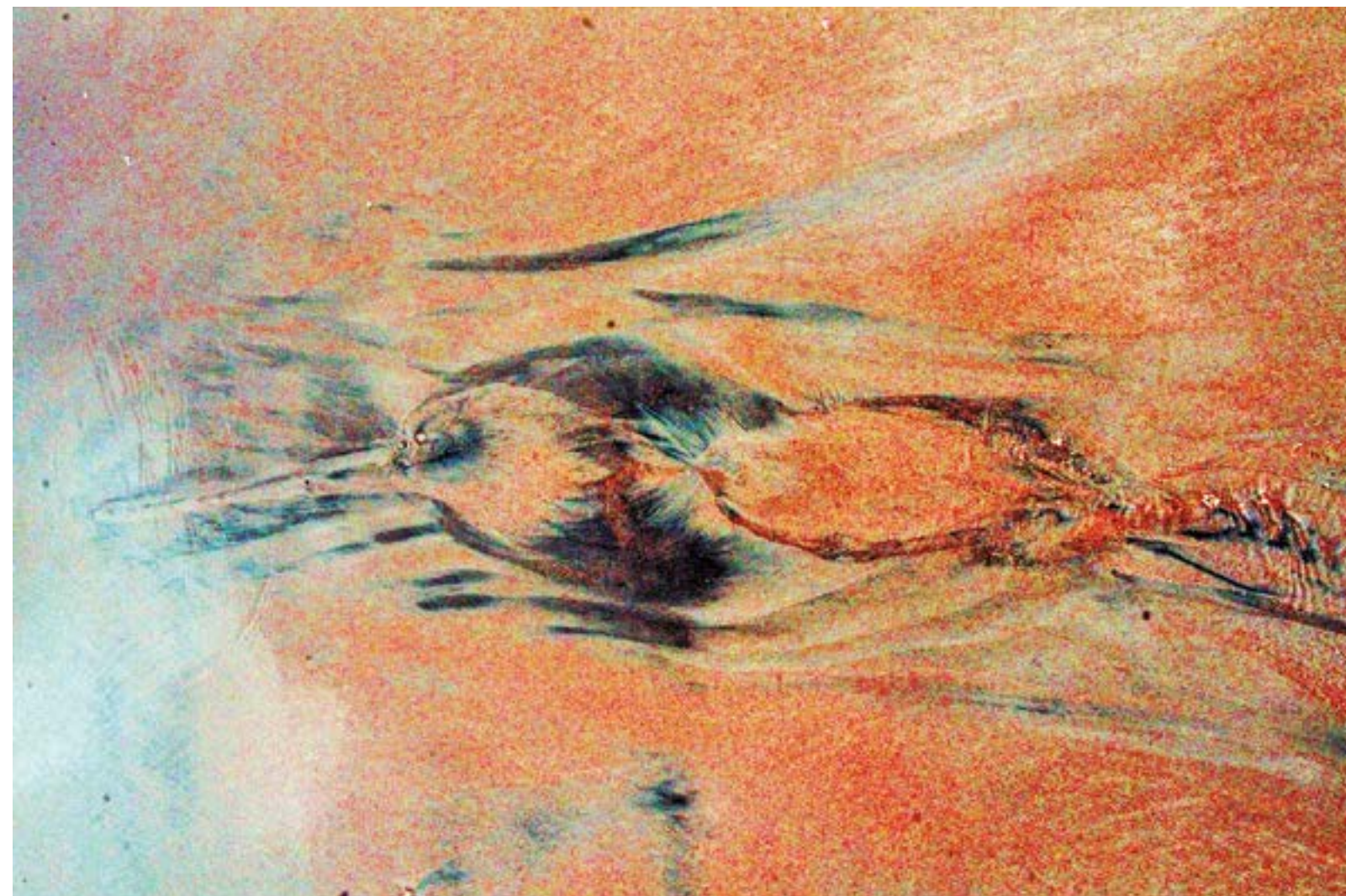
O que não acontece quando avistamos — pelas pautas jor-

nalísticas da vida — um senhor baixinho, sempre acompanhado do seu chapéu estilo panamá, de sorriso fácil e sempre com sua câmera fotográfica a tiracolo. Veterano na sua profissão, com a experiência calejada que fez “bodas de ouro”, Evandro Pereira da Silva não se entorpeceu para a sensibilidade de capturar belíssimas imagens ou registros precisos do dia a dia de uma redação de jornal.

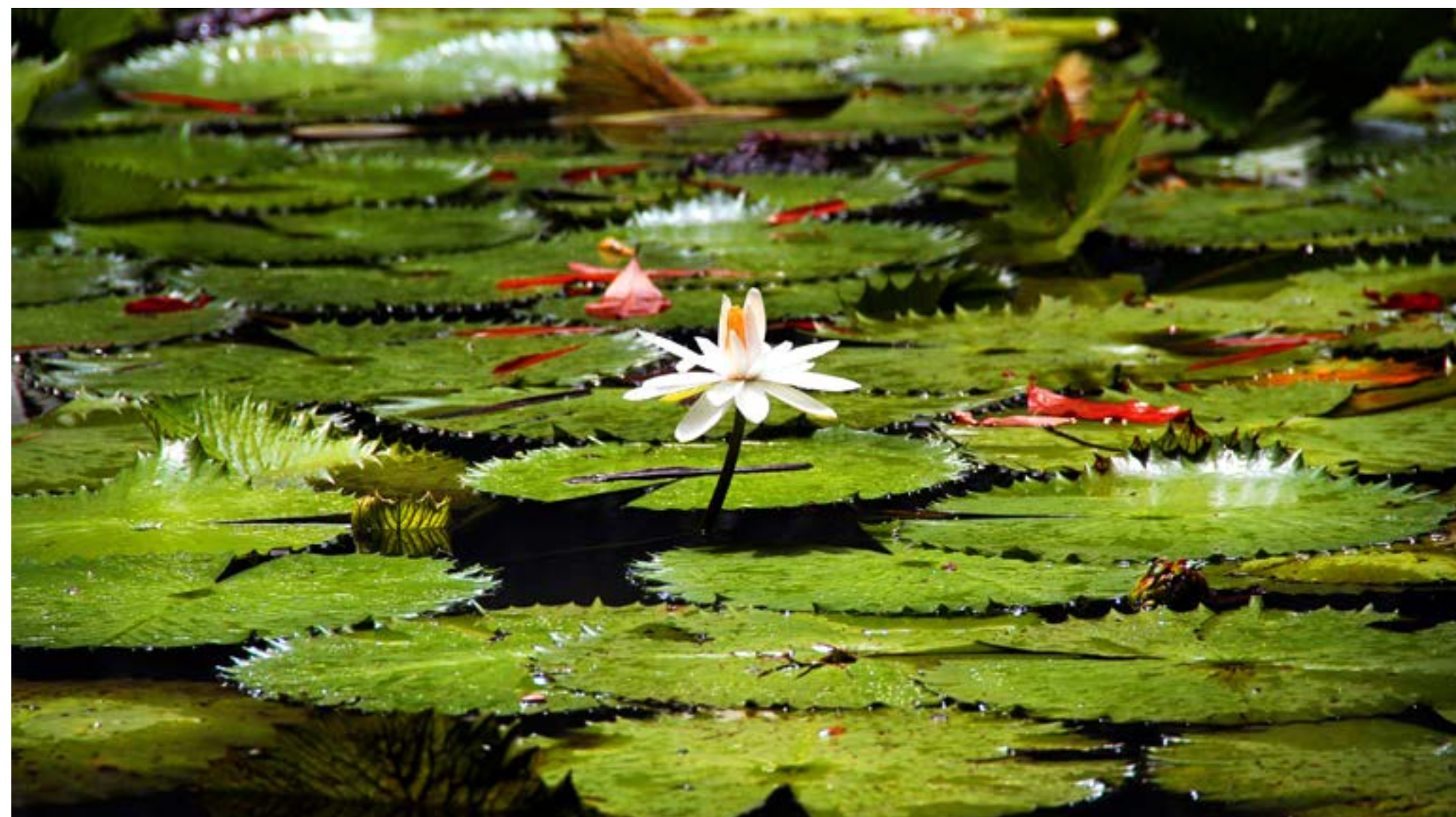
Melhor do que descrever ou adjetivar é mostrar um pequeno recorte do olhar de Seu Evandro, que emoldura a finitude das pinturas na areia de persistentes ondas do mar, os diversos ensaios da Natureza, uma verdadeira modelo profissional na terra, na água e no ar, além de perceber e valorizar os espaços urbanos, históricos e críticos, dos ângulos que se cruzam na onisciência imagética da Paraíba.



Evandro Pereira











Natural de Santa Rita (PB), **Evandro Pereira da Silva** começou a enxergar pelas lentes do universo fotográfico bem cedo, aos 17 anos de idade. Acumulando uma experiência de cinco décadas da profissão, ele passou pela Secretária de Comunicação do Estado (Secom-PB) e depois pelo Jornal **A União**, onde se encontra atualmente oferecendo o seu talento, a sua técnica e o seu olhar atento, diariamente.





Félix Araújo Filho

Sem portas

Adormeci numa cidade sem portas.
Barracas sem portas,
vendedores e bêbados
e úmidas passagens
sem portas.
Desperto numa cidade sem portas.
Espremo o coração
contra paredes de concreto
e a galeria suja resmunga,
indecentemente.
É apenas um coração sem portas.
Os becos são sem portas,
estreitas suas passagens.
Calçadas ensopadas de miséria
e insetos afogados no reflexo da luz.
Também a luz fria e sem portas
morre não muito além. Seus dedos
de fótons arranham o asfalto
até o indecoroso subsolo do viaduto,
donde têm essas vozes de cimento.
Vozes sem asas num espaço sem portas.

Presságios

É noite para mim.
A pele da ilusão arde
pendurada nas flores do sol.
Tenho febre de sonhos,
tenho febre de amar.
Só,
estou na vizinhança do verbo.
Chego aos presságios siderais
pelas asas dos espíritos do pólen.
No planeta das estátuas,
sob névoas espessas,
ondeos sonhos
dormitamem línguamorta,
pouso
asminhas últimas buscas cósmicas.
E a chave dos amores se aninha
noinefável plural dos prazeres.



Ilustração: Tônio

Félix Araújo Filho é paraibano de Campina Grande, advogado criminalista, orador, poeta, conferencista, professor de Direito Penal e atualmente deputado estadual, autor de 'No cais em que espero' (Arribaça, 2022).



Mário de Andrade pelo interior da Paraíba

Rau Ferreira

Especial para o *Correio das Artes*

O Turista Aprendiz é um dos mais importantes livros de Mário de Andrade, há muito esgotado e reeditado em 2015, através do projeto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Os relatos de viagens registram manifestações culturais e religiosas coletadas pelo folclorista em todo o Brasil.

Esse “diário” escrito com humor elevado e recurso prosaico narra as inusitadas visitas de Mário ao Nordeste brasileiro. O seu *iter* inclui estados como Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e Paraíba.

Mário havia deixado o Rio de Janeiro em 3 dezembro de 1928. Embarcou no vapor Manaus, com destino ao Recife (PE), onde permaneceu dois dias; e dali seguiu de trem para o Rio Grande do Norte, chegando dia 14 ao Tirol, bairro onde residia Câmara Cascudo (1898–1986), que foi um de seus companheiros de viagem nesse estado, junto com o jornalista, poeta e crítico de arte Antônio Bento de Araújo Lima (1902–1988).

O *Álbum de Fotografias* — *Viagem ao Nordeste Brasileiro 1928–29*, pertencente ao acervo do Institu-

to de Estudos Brasileiros (IEB), faz o seguinte registro: “O roteiro de viagem, iniciada em Natal, incluiu São José de Mipibu, Parari (depois nomeada Nísia Floresta), Arês, seguiu para Goianinha até chegar ao Engenho Bom Jardim. Os amigos percorreram estradas de chão o dia inteiro; o carro dançando na arêia dos caminhos. No final da tarde, em Goianinha, Mário fotografou o frontispício do cemitério. O poeta, jornalista e advogado Silvino Olavo é quem aparece na foto” (trecho do manuscrito *Notas de viagem ao Nordeste, diário 1928–1929*).

Silvino nesse dia serviu de “escala humana” para que pudéssemos ter uma ideia da monumental construção. Pelo visto, o poeta foi ao encontro de Mário, antes mesmo de sua chegada ao nosso Estado, pois a imagem foi registrada em Goianinha, no vizinho estado nordestino-grandense.

Adentrou finalmente à Paraíba na noite de 27 de janeiro de 1929. Atravessou de automóvel o Mamanguape para chegar à capital por volta das três da manhã do dia seguinte. No caminho lhe esperavam Zé Américo, Ademar

Vidal e Silvino Olavo. O encontro foi nas imediações da cidade fabril de Rio Tinto, domínio dos irmãos Lundgren.

“Ao passar das 14 entramos na Paraíba... (...) e às 14 e 40 entramos em Mamanguape. (...) Paramos no largo para examinar a matriz, simpática por fora. (...) a estrada agora pode se chamar estrada e é boa. Uma ponta de verdade nos leva pra muitas larguezas”, narra Andrade n’*O Turista Aprendiz* (Diário Nacional-SP: 13/3/1929).

“O Turista Aprendiz”, espécie de “diário” escrito com humor, narra as visitas de Mário ao Nordeste, incluindo estados como Ceará, Alagoas, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba

Imagem: Reprodução/Iphan



Capa de “O Turista Aprendiz”, uma reedição lançada em 2015, pelo projeto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)

“Cheguei alegre na Paraíba com os amigos José Américo de Almeida, Ademar Vidal, Silvino Olavo me abraçando”, escreve Mário então. Fincou os pés na capital, às 18h30, depois de 255 quilômetros de estrada. “De estrada ruim. A milhora ao sair de Mamanguape não passou de blefe”*, acrescentou em sua crônica de 13 de março.

Além deste gesto de carinho afável de Silvino, o escritor paulistano recebeu de suas mãos uma edição de *Sombra Iluminada* com a seguinte dedicatória: “À Mário de Andrade — o que tudo destruiu para que não nos destruíssemos a nós mesmos — admirando-o e

estimando-o bem, of. Silvino Olavo. Paraíba, 30/1/1929”.

Na capital paraibana, hospedou-se no Hotel Luso-Brasileiro do Varadouro. Após, fez breve passeio à beira mar, na praia de Tambaú: “Banho no Hotel e janta. Passeio, lua cheia, a praia de Tambaú maravilhosa, onde surpreendo crianças bailando coco. Estupendo”, anotou em seu diário.

Admirou-se com uma menina de oito anos que era “virtuosa no ganzá” e, estranhando escreveu: “Palavra que inda não vi”. Os três amigos se esforçavam para que o autor de *Macunaíma* (1928) coletasse melodias. Foram “gentilíssimos”, anotou.

Não passou muitos dias naquela hospedaria, pois foi abrigar-se na casa de Ademar Vidal, na rua das Trincheiras, para fugir das muriçocas.

Na sua crônica para o *Diário Nacional*, jornal paulista, guardou a expressão d’o caso da aranha, uma “aranha enorme” que observou quando chegara a seu quarto provocando-lhe inquietude e medo: “A aranha não me fez mal. Viveu lá na sua tocazinha do forro todos os meus dias paraibanos, dando quanto muito passeios de metro e meio. Mas, principalmente nesses *footings*, como eu a olhava horrorizado. A cor negra daquela massa pérfida avançando, o mudar lerdo daquelas patas que pareciam ser vinte, me davam calafrios de corpo inteiro” (2/7/1933).

À noite ainda visitou as oficinas do Jornal **A União**, que noticiou a sua chegada às terras paraibanas: “Encontra-se desde ante-hontem nesta capital o escriptor Mario de Andrade, nome de intensa projecção nos círculos modernos de arte brasileira. Fiel ao seu programma de idéas o illustre intellectual paulista veio ao Nordeste com o fim de colligir mais documentação para sua obra do folk-lore musical do Brasil. Homem de grande probidade mental, Mario de Andrade é infatigavel no seu trabalho de observação e de collecta escrupulosa de material philologico e musical” (29/1/1929). Em seu diário escreve: “29 [de janeiro]. [...] **A União** que deu notícia gentil de minha chegada”.

No dia 30, na companhia de Zé Américo, Antônio Bento e Ademar Vital, passearam de automóvel e foram ver a lapinha no bairro do Róger. No dia primeiro de fevereiro, almoçou em Tambaú, na casa do autor de *A Bagaceira*, considerou essa refeição estupendíssima: feijão de coco e guriuba, peixe finíssimo.

(*) Entre as aspas ao longo do artigo, o autor preservou a escrita da época — N. do E.

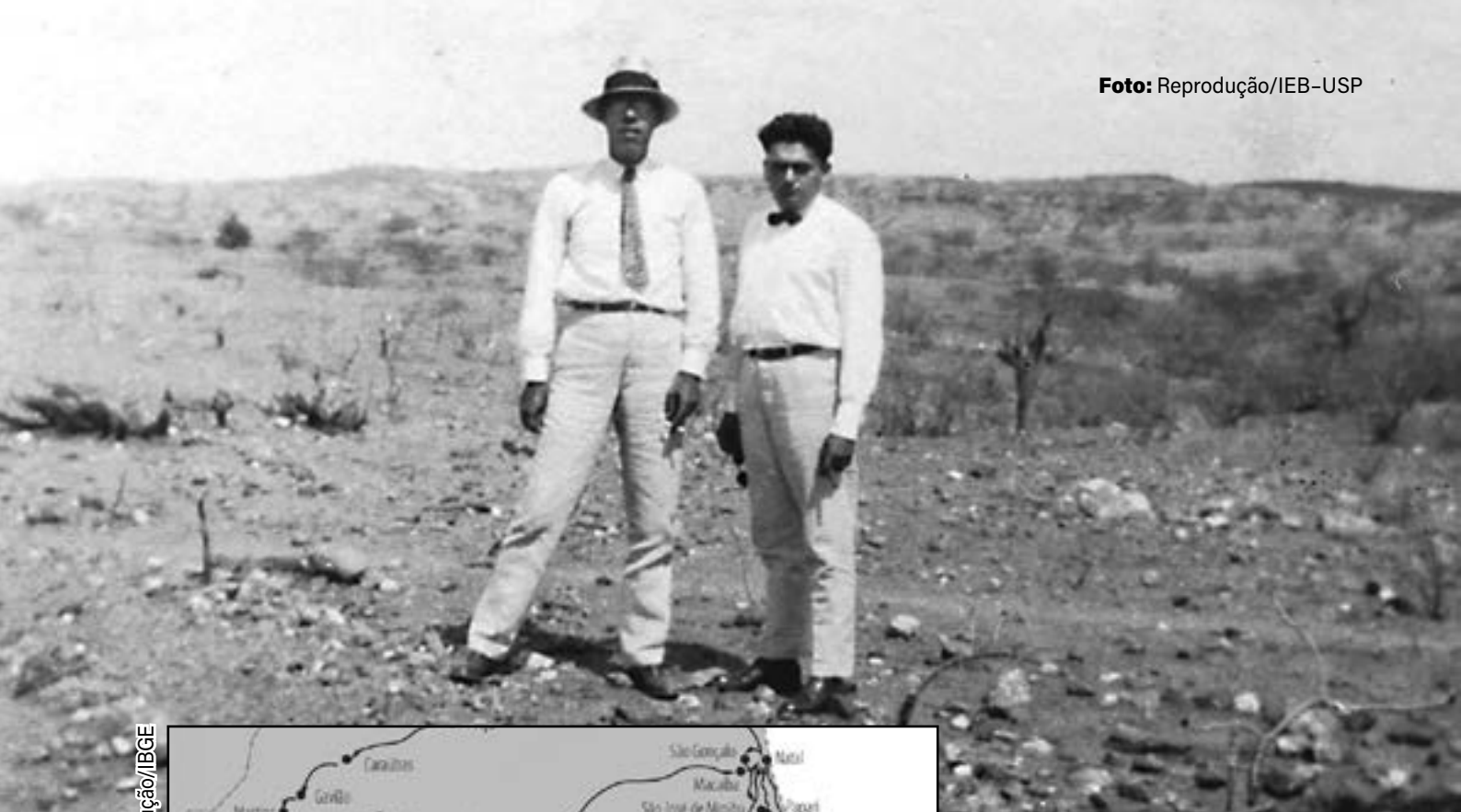


Foto: Reprodução/IEB-USP

Imagem: Reprodução/IBGE



Ao lado, percurso de Mário de Andrade pelo Estado da Paraíba; no Rio Grande do Norte, o escritor paulistano foi ciceroneado pelo antropólogo e folclorista potiguar Câmara Cascudo (acima, à dir.)

Ficou pela tarde. Jantou com ele nesse dia.

Na manhã seguinte (1º/2), foi com José Américo, Ademar Vidal e Antônio Bento para a fazenda de algodão do tenente Epaminondas de Aquino, perto de Mulungu, a cerca de 90 km da capital. Chegaram por volta das 21h, ao tempo de ouvir um grupo de cantadores, assim anotado em suas memórias: “grupo admiravelmente concertante, noite colosso. Escutamos também dois manos meninos, cantar o coco, caso de meninos-prodígios extraordinários. E a noite foi dormida entre besourinhos e um poder formidável de outros bichinhos” (Op. cit., 2015: p. 237).

Acordou na fazenda Cruzeiro ainda escutando os cantadores, de onde seguiram para Areia, terra de Zé Américo. Passando por Alagoinha na feira dominical tomou banho de cheiro: “Eu,

Ademar e o Bento nos encharcamos de água com 1% de 1% de perfume barato”. Pelo visto Zé Américo não apreciou a folia.

De volta à estrada, deixaram à esquerda Alagoa Grande e chegaram à tardinha no antigo Sertão dos Bruxaxás (Areia). De lá retornaram para a capital. Era noite: “Chuva na serra, chofer péssimo. Chegamos às 22 com mais de 300 quilômetros de estrada com catabil desde ontem” (Op. cit., 2015: p. 238).

Dia 5 de fevereiro jantou com Zé Américo na praia de Tambaú. Depois foi ouvir os operários ensaiando Cabocolinhos em Cruz das Almas e, no dia 7 daquele mês, conheceu o presidente do estado, dr. João Pessoa Cavalcanti: “simpático, topetudo e falador” (Op. cit., 2015, p. 239). Foi pela última vez à praia de Tambaú despedir-se de José Américo e sua esposa. Jantou na casa de

Ademar Vidal. Zé Américo, fatigado, foi para a praia.

Mário permaneceu 10 dias na Paraíba, desfrutando do convívio dos amigos intelectuais ligados à revista *Era Nova*, cujo encontro teria sido mediado por Câmara Cascudo e Antônio Bento.

Na reedição d’O *Turista Aprendiz* (2015), as autoras assinalam em seu rodapé: “Silvino Olavo da Costa (Esperança, 1897 — Campina Grande, 1969). Poeta, político, jornalista e advogado. Iniciando a carreira jurídica no Rio de Janeiro e ligando-se ao simbolismo, ali publica, em 1924, *Cisnes* e, em 1925, *Sombras iluminadas*. Em 1928, integra o gabinete de João Pessoa, presidente do estado; vive na capital, então chamada Paraíba, também. Participará ativamente da Revolução de 1930” (página 236).

Em sua estadia, caminhou pelo litoral e visitou prédios his-

tóricos, alguns bairros e cidades. Foi conduzido por José Américo ao Brejo de Areia (3/2/1929) — passando por Alagoinha em dia de feira — permanecendo naquele município brejeiro, em casa do escritor d’A *Bagaceira* até a boquinha da noite.

Andrade recolheu vasto material que vai de cantigas, cocos e cordéis; reunindo-se com os cantadores populares que tanto admirava. Eis uma delas: “Meu galinho-de-campina / Que cantô na Paraíba!... / — Olê, rosêra, / Murchasse a rosa!”.

É o próprio Mário que confessa: “inda não posso falar da Paraíba que não vi. Passo meus dias trabalhando, trabalhando, estou colhendo uma coleção bonita mesmo de cantigas e danças” (Diário Nacional: 14/3/1929).

Na despedida para o Recife (8 de fevereiro), Mário toma café no Odilon do Jacaré, na companhia de alguns populares que encenavam o Boi Valeroso, representação essa que lhe rogou “praga” de que havia de voltar à Paraíba e se casar.

No “bota fora” estavam o poeta Silvino Olavo, Antônio Bento, Ademar Vidal e o gal. Cavalcanti. Ao final de tudo, escreveu: “Paraíba tem antiguidades arquitetônicas esplêndidas. Algumas como boniteza, outras só como antiguidade. E já falei que o convento de S. Francisco é a coisa mais graciosa da arquitetura brasileira. Dantes possuiu um subterrâneo enorme, no tempo do holandês, comunicando com a fortaleza de Cabedelo. No subterrâneo vivia um dragão que comia as crianças de medo” (O *Turista Aprendiz*. Livraria Duas Cidades: 1983, p. 315).

Certamente a visita à Paraíba lhe deixou boas impressões e dos amigos que aqui fizera levou algo “novo” para a sua produção literária.



Foto: Reprodução/IEB-USP

Mário de Andrade: “Paraíba tem antiguidades arquitetônicas esplêndidas. Algumas como boniteza, outras só como antiguidade”

Rau Ferreira é membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), atual ocupante da cadeira 35, que tem por patrono Silvino Olavo.



Jon Moreira
moreira_jon@hotmail.com



Trinta anos do disco “Aos Vivos”, de Chico César

Neste ano, a música brasileira comemora a estreia em disco de Chico César com o seu *Aos Vivos*. Esse álbum tornou-se um marco não apenas em sua trajetória, mas de toda uma geração de compositores que surgiu para o grande público, nos anos 1990. Já na primeira faixa, o autor mostra sua singularidade, rompendo em alguma medida, com a tradição da canção popular. O disco começa sem nenhum acom-

panhamento instrumental, com o cancionista cantando à capela. A melodia do canto remete, imediatamente, aos aboios, que são as cantilenas que os vaqueiros entoam para conduzir e apaziguar o gado. Segundo Cascudo: “No Sertão do Brasil o aboio é sempre solo, canto individual, entoado livremente. [...] não é divertimento. É coisa séria, velhíssima, respeitada”.

O termo “beradeiro” significa, mais estritamente, “o mo-

rador à margem das estradas”. Também podemos pensá-lo em seus usos mais habituais, que são relativos ao interiorano, ao acanhamento, à rudeza, àquela fala vagarosa do idioma pedra, que nos conta João Cabral. Entretanto, apesar de seu primeiro gesto em disco retomar uma tradição dos sertões, essa dicção do aboio não funciona simplesmente como a evocação de um símbolo regional nordestino. Ela é, antes, o corpo do caleidoscópio que

possibilita ver os encontros dos fragmentos de tantos mundos, como nos versos: “Batom no lábio nortista / O olhar vê tons tão sudestes / E o beijo que vós me nordestes / Arranha céu da boca paulista”. É um mote, uma senha, uma chave de entrada para esse disco. Assim se inicia sua obra musical, com um aboio, cuja letra amontoa imagens que dançam a partir dos fragmentos que formam o mosaico da grande metrópole. Desde então nos parece que a canção de Chico César mora nas margens do algarido que contém o sertão e o mundo.

Olhando mais atentamente os caminhos desse primeiro disco, a escassez de instrumentos chama atenção. São apenas a voz, o violão e, em poucos momentos, as participações de Lenine e da guitarra de Lanny Gordin. Embora a principal razão para isso tenha sido a limitação material, a falta de dinheiro para gravar o disco, também podemos compreender esse dado como um ato de contenção, uma depuração das possibilidades aos elementos mínimos. Essa atitude pode ser compreendida como um ícone da própria centralidade que a voz ocupa na canção. A voz se apresenta nua em “Berádêro” e pouco se veste ao longo do disco, que é

conduzido, quase unicamente, pelo próprio cancionista.

A segunda faixa do disco é “Mama África”, provavelmente a canção mais emblemática do paraibano, ou, pelo menos, a canção com o alcance midiático mais expressivo de sua carreira até o momento. Um *reggae* levado apenas pelo violão do próprio autor, no qual essa mãe África parece representar, ao mesmo tempo, tanto a ancestralidade das terras originárias dos povos negros, quanto as lutas que se repetem na vida de tantas mulheres que sempre têm “tanto o que fazer”.

Nesse *Aos Vivos*, é possível observar em diversos momentos as tensões entre o cosmopolita

e o regional. Para ficar em um breve exemplo, em “À primeira vista” — faixa que também alcançou grande projeção nacional — há essa tensão quando a letra se refere a Prince e Salif Keita, emparelhando-os sob a mesma frase melódica “quando ouvi Prince (Salif Keita) dançar”. Ao se referir a esses existentes específicos, o cancionista não evoca apenas essas pessoas ou suas obras individuais, ele une EUA e Mali, entrelaça a tradição do *pop* norte-americano, a partir do símbolo de Prince, com uma das tradições da música africana, simbolizada por Keita. Esse procedimento é utilizado em diversas outras canções na trajetória do autor.

“À primeira vista” é a primeira composição do que podemos chamar de canções de amor. Desde então, o cancionista tem se mostrado especialmente proficiente nesse gênero, tendo suas composições gravadas por diversos artistas, entre elas Maria Bethânia, que já interpretou um bom número de suas canções. “Templo” é a outra canção do disco que tem como assunto o amor. A letra, assinada também por Tata Fernandes e Milton

Imagem: Reprodução/Três Selos



Álbum tornou-se um marco de toda uma geração de compositores que surgiu para o grande público, nos anos 1990

Foto: José de Holanda/Divulgação



Presença de poucos instrumentos no disco pode ser compreendida como um ícone da própria centralidade que a voz ocupa na canção

de Biasi, traz o tema imemorial da paixão que atordoa, do encontro que desencontra. O simples olhar ou toque desmancha, derrete o ser amado. A metáfora do “Himalaia himeneu” revela a imensidão desse sentimento que entontece o homem diante desse templo.

“Saharienne” é, segundo o próprio Chico, certamente sua música mais triste. Assim como em “A prosa impúrpura do Caicó”, o autor revela que sua motivação partiu do cinema, mais precisamente do filme *O Céu que Nos Protege* (1990), de Bernardo Bertolucci. *Saharienne* é uma palavra da língua francesa que significa “saariana”, ou seja, aquilo que é relativo ao deserto do Saara. Essa canção de sentidos enevoados parece pintar três quadros diferentes entremeados pelo refrão que repete o título, ou ainda, parece uma pequena

exposição de três fotografias. A primeira estrofe diz:

*Estive pensando em você
uma foto junto a uma fonte
congelada pela câmara
água de beber camará
a roupa leve
lembrança de neve
gelo seco no Sertão*

Nesse primeiro *frame*, a imagem é evanescente. A água paralisada pela câmera; o símbolo desencontrado da neve na aridez; essa mulher fotografada, Saharienne, sobre a qual muito pouco se pode definir. Esse primeiro movimento da canção parece usar a lâmina de água desse *al-gidār* para espelhar nossas tantas proximidades desérticas. Uma mulher-fotografia que poderia ser do Sertão da Paraíba ou do norte da África.

Um outro aspecto que chama atenção nesse primeiro disco é o violão tocado por Chico César. Longe da tradição bossa-novista, a execução do parai-bano parece incorporar a energia massiva das percussões. A percussividade de seu violão é facilmente observável em canções como “Tambores”, “Clandestino” e, principalmente, em “Benazir”. Esta última faz referência direta à execução do pai de Benazir Buthu, Zulfikar Ali Bhutto, líder do Partido Popular do Paquistão e ex-primeiro-ministro do Paquistão. Doze anos depois do lançamento do disco, Benazir, que também assumiu o cargo de primeira-ministra, foi assassinada em um atentado suicida.

Essa constante referência a pessoas, personagens e lugares é uma característica que atravessa a obra do autor. Benazir Bhutto, Sarah Vaughan,

Foto: Carlos Rodrigo



Atitude do cancionista de enveredar-se por tradições díspares mostra-se presente, inclusive, quando as composições não são suas

Paulo Freire, Torquato Neto, entre tantos outros, são signos que compõem a “Dança” que aproxima Osaka e Osasco. Esse *cauim* é mastigado pelos povos negros e indígenas, pelas pessoas de Berlim e Benin.

A atitude do cancionista de enveredar-se por tradições díspares mostra-se presente, inclusive, quando as composições não são suas. Ao escolher letras de outros compositores para interpretar, o autor parece seguir esse pendão do “longe daqui, aqui mesmo”. O disco traz “Dúvida cruel”, de Itamar Assumpção, compositor da Lira Paulistana, e “Paraíba”, de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, como se marcasse, permanentemente, a metrópole e o Sertão como símbolos, como faróis na sua obra. Essa última, inclusive, é ressignificada, quando a har-

monia da gravação original é grandemente tensionada pelo acréscimo das dissonâncias trazidas pelo jazz.

Esse primeiro trabalho se constrói, em certo sentido, como uma poética e um manifesto do que viria a ser sua obra. Se, já de início, “Béradêro” lança a rede sobre os signos díspares, com os quais Chico vai coser suas composições, o disco se encerra com “Nato”, que se torna (de certa forma) um *modus operandi* bastante caro ao autor durante toda a sua obra.

Agora, 30 anos depois, podemos confirmar com tranquilidade o que já se anunciava naquele momento. *Aos Vivos* é um disco icônico da música popular brasileira. O primeiro dos grandes trabalhos que consolidaram Chico César como um dos cancionistas mais importantes de sua geração.



Leia o QR Code acima e acesse as faixas do disco no canal oficial do YouTube

Jon Moreira, natural de João Pessoa, é escritor, professor e doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2015, publicou o livro de poemas ‘Anjo Diluidor’, pela editora Patuá. É pesquisador nas áreas de literatura e canção.

Imagem: Reprodução/Três Selos



Disco foi gravado em 1994, em São Paulo, na Sala Guiomar Novaes (Funarte-SP), e lançado no ano seguinte, pela gravadora Velas; recentemente, foi relançado em formato de vinil, pela Três Selos

“Molduras”, uma imersão no vórtice do insólito

Ronald Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

A escrita de Kátia Bandeira de Mello — poeta e ficcionista carioca há mais de duas décadas radicada nos EUA e com passagem pelas artes plásticas em seus trabalhos de ilustração e pintura — vem na contramão do atual panorama da literatura brasileira, que instituiu um certo cânone, no qual a prevalência do contexto sobre o texto e da militância/bandeiras sobre a linguagem, vem impondo seus guetos e suas patotas, quando o autor adquire mais importância que a obra, em sacrifício do valor intrínseco da própria arte.

Em *Molduras* (Editora Urutau, Lisboa, 2025), volume que enfeixa mais de seis dezenas de contos, a autora aprofunda seu olhar sobre os tristes tempos em todos os trópicos, numa dimensão narrativa em que importam menos a verossimilhança e o enredo e prepondera

o espectro surreal. Por meio de um olhar singularíssimo que atravessa as nuances das histórias para ressignificá-las em clave subreptícia, emerge uma metamorfose visceral e um percurso labiríntico, comunicando o mesmo sentimento de Borges, para quem “a literatura é revanche de ordem mental contra o caos do mundo” e “os labirintos são símbolos evidentes da perplexidade”.

Kátia não transita pelo óbvio, pelo lugar-comum ou pela comodidade de histórias que vão desaguar num desfecho previsível, é acima de tudo uma autora que persegue o nonsense e o insólito, fruto de uma consciência criativa de profunda cartografia das vísceras do insondável e dos escaninhos do imponderável, instâncias onde reside um mundo além mundo, o absurdo que constitui a própria condição humana, que, à moda de um Ionesco, ela maneja, com agudíssimos recursos e imensa riqueza plástica.

Na esteira de uma percepção multissensorial, há uma autora que dialoga não só com seus gurus estéticos, mas segue flertando, ou traçando paralelos com o multifacético campo da criação com seu estilete semiótico.

Numa salutar projeção intertextual, sua ficção, análoga à linhagem de sua produção poética, realiza-se em perfeita simbiose, nutrindo-se de outras categorias artísticas, como o cinema, a pintura, a fotografia, o teatro, a dança, tal sua ambientação por esses territórios, onde o tangível e o onírico se interpenetram numa combinação verbo-imagética, dando vez e voz ao que parece inaudível, mas surge do desconso universo que nos habita. E nesse diapasão, ao subverter, ou abstrair-se, do excesso de realidade transmutando-a no suprarreal que culmina numa beleza convulsiva à moda de um Breton, a autora apreende um cenário de mundividências, para muitos inalcançável,

mas que se instaura como signo de indignação.

Como assegura a escritora Eltânia André no prefácio dessa obra pungente e heterodoxa, “para se chegar ao umbigo do texto, recomendo o embarque no jogo metalinguístico, pois quase não há acaso, as palavras e acontecimentos interseccionam-se estrategicamente com o intuito de provocar, de romper padrões, de arriscar”. E lê-la, recomenda o crítico e ensaísta Sérgio Guimarães de Sousa “é penetrar na singularidade de algo verdadeiramente novo”, e isso, sem dúvida, é um alento e um frescor, em meio à requeitada produção ficcional contemporânea, que bafeja o mais (ou seria o menos?) do mesmo.

Autora, dentre outros, de *Colisões Bestiais* (Particula)res (Confraria do Vento, Rio de Janeiro, 2013), *Jogos* (Ben)ditos e *Folias* (Malditas) (Confraria do Vento, Rio, 2017), *Caderno de Artista* (Confraria do Vento, Rio, 2022), *A Patafísica*

do *Quadrado* — um romance na rota das galochas (Confraria do Vento, Rio, 2022), *Bromélias e outras naturezas* (Gato Bravo, Portugal, 2022), *Experimentações poéticas sobre Coleridge* (Húmus, Portugal, 2022) e *Flaco, o Coruja* (Philos, 2024), Kátia Bandeira de Mello detém uma escrita original e versátil, umbilicalmente renovadora em seus âmbitos formal e temático, sem os cacoetes de vanguardas tardias — como resultado de uma leitura não apriorística do individual ou coletivo — corroborando aquela sensação descrita por Júlio Cortázar: “*En suma, desde pequeño, mi relación con las palabras, con la escritura, no se diferencia de mi relación con el mundo en general. Yo parezco haber nacido para no aceptar las cosas tal como me son dadas*”.



Excerto da obra:

“(…) Piglia me segura pela mão e leva para um mergu-

lho no diário de Gombrovicz, o que dizem esses homens, qual a distância entre eles, o papel e eu que nada tenho a ver com a realidade deles, eu que vivo a milhares de quilômetros e anos daquela Buenos Aires e me sento para aguardar uma nova guerra cujo fantasma se aproxima, sussurra no íntimo, estamos a saber desta nova guerra que é uma extensão das anteriores, há um parentesco entre elas, fluem tal e qual rios, os exércitos entram e saem das caixas à guisa de fósforos, basta acender a chama e os fósforos marcharão, basta apertar os botões e drones lançarão as bombas e estará tudo acabado, de um povo ao outro, tudo estará acabado.” (*Molduras*, página 172)

Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro, autor, dentre outras obras, de ‘Eles não moram mais aqui’ (Prêmio Jabuti, 2016) e vive em Portugal.

Imagem: Reprodução/Urutau



Em seus contos, Kátia Bandeira persegue o nonsense e o insólito, fruto de uma consciência criativa de profunda cartografia das vísceras do insondável e dos escaninhos do imponderável

Foto: Ozias Filho/Divulgação

Entre o mito e a teledramaturgia

Como o poder da arte serve como instrumento de reflexão e de transformação em tempos difíceis

Hamilton Medeiros

Especial para o *Correio das Artes*

Aplicar conceitos tão atuais em períodos de civilizações antigas, como a Grécia, é algo que pode ser entendido como anacronismo. Devemos entender que certos conceitos foram criados, na posteridade, por meio de movimentos e personalidades pertencentes a outros contextos sócio-históricos.

Ao mapearmos brevemente alguns registros literários e históricos de períodos distintos do povo grego, encontraremos informações a respeito das mulheres, o que nos revelam que elas também ocuparam espaços e exerceram papéis determinantes na Grécia Antiga.

Embora não partilhassem de forma igualitária dos mesmos direitos políticos que os homens, as mulheres atuavam tanto dentro do οἶκος (*oikos*) — lar —, quanto fora dele, na πόλις (*polis*) — cidade-estado. No lar, elas assumiam a administração dos bens e demais fatores ligados à economia doméstica. Na *polis*, eram responsáveis pela condução de ritos importantes da religião pública, como nas festividades dedicadas às deusas legisladoras do casamento, Deméter e Perséphone.

Na língua grega, há termos atribuídos aos homens, e que servem para identificarmos relações de poder e de atuação na civilização, como πολίτης (*polites*), designado aos que detinham o exercício da cidadania e que podiam, inclusive, atuar na política. Alguns desses termos também surgem em formas femininas, para destacar a posição e a influência que algumas mulheres tinham na época. A saber, com o casamento, a mulher recebia o título de *κουρίδια ἄλοχος* (*kouridia álochos*), esposa legítima (cf. Homero, *Iliada*, I, v. 114); era nomeada de *πολίτις* (*politis*), cidadã, mulher livre (cf. Platão, *Leis*, VII, 814c); quando associada à realeza, recebia o título de *βασίλεια* (*basíleia*), rainha, princesa (cf. Eurípides, *Hipólito*, v. 158).

Os dados levam-nos a uma visão mais criteriosa acerca da mulher como um agente atuante na antiga civilização grega. Isso também ocorre com o reconhecimento das mudanças pelas quais a Grécia Antiga passou ao longo dos séculos, transitando de um período imbuído por um pensamen-



Foto: Reprodução/The Trustees of the British Museum

Na *polis*, as mulheres eram responsáveis pela condução de ritos importantes da religião pública, como nas festividades dedicadas às deusas legisladoras do casamento, Deméter e Perséphone

Atriz paraibana Isadora Cruz interpreta a personagem Roxelle na telenovela "Volta por Cima", uma produção da teledramaturgia da Rede Globo



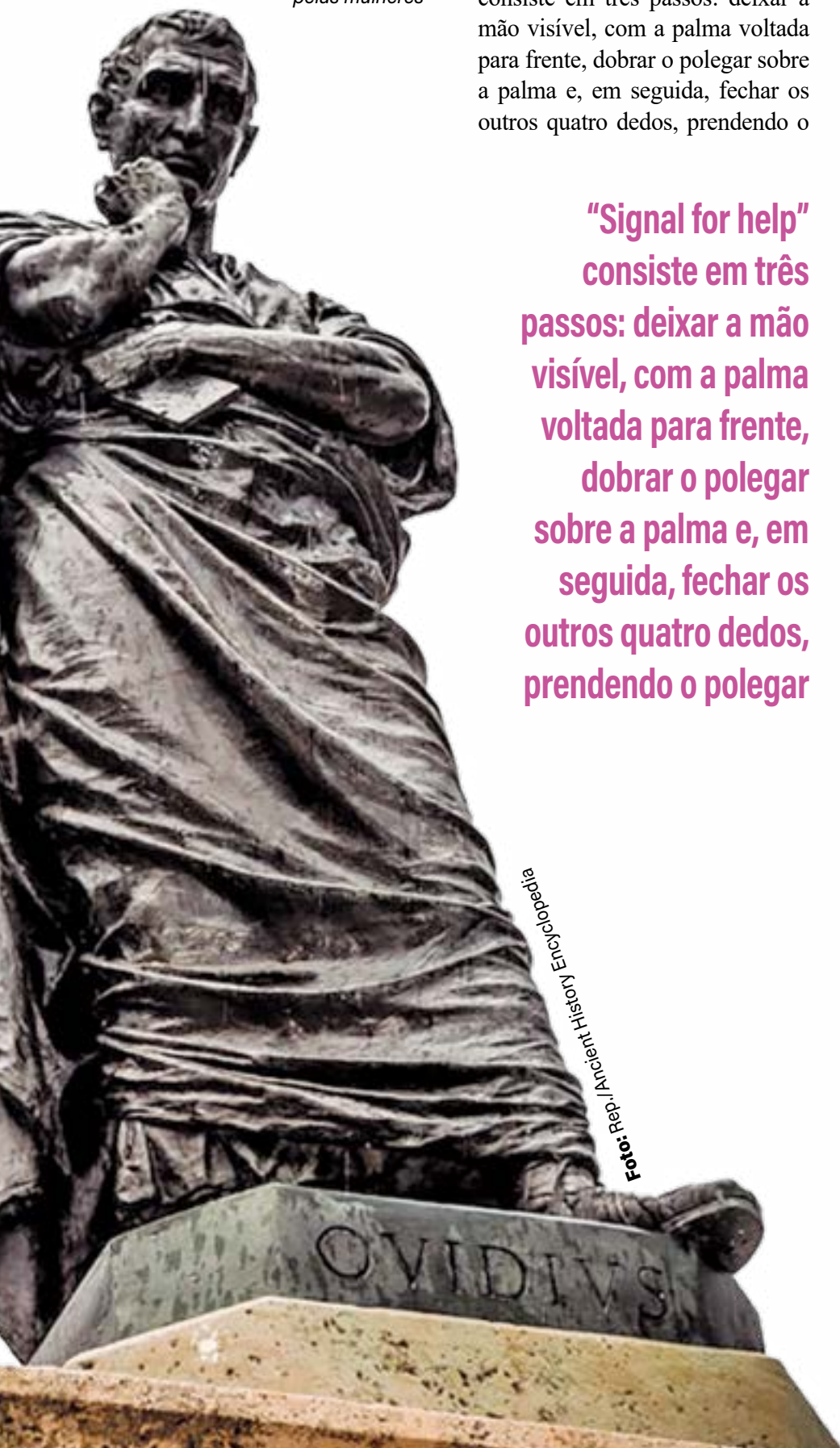
Foto: Fábio Rocha/Rede Globo/Divulgação

to mítico — período tido como conservador, com valores atrelados ao espírito heroico e piedoso, no qual os deuses serviam de paradigma às ações dos homens — para um período demarcado pelo surgimento da filosofia e do apogeu da cultura grega através do teatro (final do século 6 ao século 5 a.C.). No entanto, isso não impossibilita que identifiquemos determinados aspectos presentes na civilização grega e que, mais tarde, seriam categorizados, recebendo nomes específicos, como a *misoginia*.

Traços do que tardiamente seria nomeado de *misoginia* foram abordados ainda no século 5 a.C., no teatro grego, através de Aristófanes, que em suas peças cômicas ridicularizou o trágico Eurípides por retratar mulheres como figuras tomadas pela *μανία* (*mania*) — loucura —, que cometem adultérios, que reclamam de seus esposos.

Eurípides foi retratado por Aristófanes como alguém que tinha aversão ao gênero feminino. Embora o poeta cômico não mencionasse, de fato, o termo *misoginia*, ele discute, tendo por medida os valores de sua época, condutas que podem, sim, ser associadas ao que hoje entendemos como práticas misóginas. Além disso, a violência sofrida pelas mulheres foi abordada pela mitologia grega, tida, também, como um dos campos de representação da arte.

Em Roma, o poeta Ovídio, que bebeu da mitologia grega para recriar famosas narrativas empregando-lhes uma nova roupagem, trabalhou tais questões em sua obra *Metamorfoses* (séc. I d.C.), como no mito de Tereu, Procne e Filomela (*Metamorfoses*, VI, vv. 412-674). Tal mito se aproxima daquilo que repercutiu na mídia brasileira no último mês, com um dos capítulos de *Volta por Cima* (telenovela escrita por Claudia Souto, com dire-



Em Roma, o poeta Ovídio bebeu da mitologia grega para recriar famosas narrativas empregando-lhes uma nova roupagem acerca do tema da violência sofrida pelas mulheres

ção artística de André Câmara), produção da teledramaturgia da Rede Globo.

No referido capítulo, a personagem Roxelle (interpretada pela atriz paraibana Isadora Cruz) recorre ao sinal conhecido como *signal for help*, criado pela Canadian Women's Foundation, ONG canadense de proteção às mulheres vítimas de violência. O sinal consiste em três passos: deixar a mão visível, com a palma voltada para frente, dobrar o polegar sobre a palma e, em seguida, fechar os outros quatro dedos, prendendo o

"Signal for help" consiste em três passos: deixar a mão visível, com a palma voltada para frente, dobrar o polegar sobre a palma e, em seguida, fechar os outros quatro dedos, prendendo o polegar

polegar. Roxelle utiliza-se do sinal para denunciar o bicheiro Gerson (interpretado pelo ator Enrique Diaz), com quem vive um relacionamento abusivo e violento. No mito de Tereu, Procne e Filomela, algo semelhante ocorre: a personagem Filomela, após ser abusada sexualmente pelo cunhado, ser abandonada e ter a língua cortada para que não denunciasses o agressor, sobrevive ao episódio traumático e recorre ao tear, em sinal de denúncia, bordando as violências praticadas por Tereu.

Ambas as personagens femininas, Roxelle e Filomela, separadas por um grande salto temporal, são representações de mulheres reais, vítimas de abusos e violências. Na trama de *Volta por Cima*, Roxelle recebe apoio após o gesto que denuncia o seu agressor. No mito narrado por Ovídio, Filomela vinga-se de Tereu com o auxílio de Procne, sua irmã. Porém, outras personagens e mulheres reais não partilharam da mesma sorte, tornando-se vítimas fatais da crueldade humana.

Os episódios apresentados nos revelam o importante papel da arte: promover a reflexão acerca de assuntos e problemas recorrentes, sobretudo àqueles que atravessaram séculos e que ainda não foram sanados, como a violência doméstica. Portanto, percebe-se que, mesmo diante de tantos avanços (e retrocessos), a arte resistiu e continua resistindo como um mecanismo de transformação nas sociedades e no mundo, em tempos cada vez mais difíceis.

Hamilton Medeiros é graduado em Letras Clássicas pela UFPB, e mestre em Estudos Clássicos e Medievais pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL-UFPB). Atualmente, cursa o doutorado em Letras (PPGL-UFPB). Atua, como professor pesquisador, no grupo de pesquisa Poética e Retórica no Mundo Clássico.